

2

0

2

2

**BOLETIM**

**INDICADORES**

**ECONÔMICO-**

**FISCAIS**

**SETEMBRO**

69.928

48.991

26.417

31.012

06.381

12.002

O Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina é uma publicação online e mensal da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDE), compartilhando dados quanti e qualitativos do desempenho da economia catarinense.

Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

**JAIRO LUIZ SARTORETTO (INTERINAMENTE)**

Secretário Adjunto de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

**JAIRO LUIZ SARTORETTO**

Secretário Executivo do Meio Ambiente

**LEONARDO SCHORCHT BRACONY PORTO FERREIRA**

Diretoria de Ciência, Tecnologia e Inovações

**MORIS CLEBER KOHL**

Diretoria de Clima e Biodiversidade

**LUCIANO HENNING**

Diretoria de Desenvolvimento Territorial

**THOBIAS LEÔNCIO ROTTA FURLANETTI**

Diretoria de Emprego e Renda

**RICARDO JOSÉ AMORIM**

Diretoria de Recursos Hídricos e Saneamento

**PEDRO BROLEZZI**

Diretoria de Relações e Defesa do Consumidor

**JOÃO VITOR DA SILVEIRA**

Diretoria de Empreendedorismo e Competitividade

**CARLOS ALBERTO ARNS FILHO**

Gerência de Indicadores Econômicos (SDE) e Coordenador do Boletim

**PAULO ZOLDAN**

Projeto Gráfico

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DA SDE

**Contato**

[contato@sde.sc.gov.br](mailto:contato@sde.sc.gov.br)

## Sumário

CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE.....	4
APRESENTAÇÃO .....	5
RESUMO EXECUTIVO: <b>ECONOMIA ESTADUAL AVANÇA 2,7%</b> .....	6
1 QUADRO RESUMO .....	11
2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL.....	12
3.RECEITA TRIBUTÁRIA.....	15
4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL.....	14
5. OUTROS INDICADORES FISCAIS .....	15
6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO .....	16
7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE.....	17
7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR .....	17
7.2. PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS.....	18
7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA.....	18
7.4. VOLUME E RECEITA NOMINAL DAS VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO .....	20
7.5. VOLUME DE SERVIÇOS.....	21
7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E BAIXADAS EM SANTA CATARINA .....	22
7.7. VENDAS DE DERIVADOS DE PETRÓLEO, CIMENTO, VEÍCULOS E CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA.....	23
7.8. MERCADO DE TRABALHO .....	24
7.9. COMÉRCIO EXTERIOR.....	25
7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA.....	26
7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS .....	27
8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO .....	28
9. ECONOMIA INTERNACIONAL .....	29

**NOTA EXPLICATIVA:**A SDE não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

## CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE

Somos estimados 7,399 milhões de habitantes que estão dispersos em uma área de 95,7 mil km<sup>2</sup>. Nossa força de trabalho no segundo trimestre de 2022 está estimada em 4,104 milhões de pessoas sendo que 96,1% delas estavam ocupadas. Em relação ao trimestre anterior, são 136 mil pessoas ocupadas a mais, e em relação ao mesmo trimestre de 2021, houve um acréscimo de 275 mil pessoas. Dos 3,944 milhões de ocupados, 55,3% estavam empregados no setor privado (87,4% com carteira assinada, o maior percentual do País); 4% eram trabalhadores domésticos; 9,2% empregados no setor público; 4,6% eram empregadores e 25,5% trabalhavam por conta própria. Os trabalhadores familiares auxiliares representam outros 1,4% da população ocupada.

Do total de catarinenses ocupados, 24% tinham seu trabalho principal na indústria geral; 17,8% no comércio; 13,7% na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais; 11,7% nos serviços de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 8,3% na agropecuária, florestas e pesca; 7,4% na construção; 4,8% em outros serviços; 4,6% nos transportes, armazenagem e correio; 4% nos serviços domésticos e 3,7% em serviços de alojamento e alimentação.

A taxa de desocupação no Estado está em 3,9%, a menor do País, cuja média é 9,3%. O percentual diminuiu 0,6 p.p., ou 21 mil pessoas a menos na comparação com o 1º trimestre de 2022. Na comparação com o segundo trimestre de 2021, o contingente de desocupados teve redução de 68 mil pessoas. São agora 160 mil pessoas desocupadas. Os trabalhadores na informalidade totalizaram cerca de 1,1 milhão de pessoas, representando 27,2% das pessoas ocupadas, percentual que se manteve como o menor entre os estados, cuja média é de 40%. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho recuou 1,3 p.p., para 7%, representando 44 mil pessoas subutilizadas a menos em relação ao trimestre anterior. É a menor taxa do País, cuja média é de 21,2%. O percentual de pessoas desalentadas recuou 0,2 p.p. em relação ao trimestre anterior, para 0,4%, ou 8 mil pessoas nessa condição. É também o menor percentual do País, cuja média é 3,8%. O rendimento médio habitual do catarinense (R\$ 3.008) recuou 1% em relação ao primeiro trimestre e é 5,5% menor que o do 2º trimestre de 2021.

Nosso PIB cresceu 3,8% em 2019, atingindo R\$ 323,3 bilhões, o 6º maior do País, sendo que o PIB per capita de R\$ 45.118 era o 4º maior. Estimamos uma retração econômica de 1,1% para o Estado em 2020 e um crescimento de 8,3% em 2021, na comparação com os mesmos períodos anteriores. Em 2021, nossas exportações atingiram US\$ 10,3 bilhões ou 3,7% do total nacional. Nossa localização estratégica e competitividade tarifária e portuária nos posiciona como o 3º maior estado importador com 11,4% do total em 2021.

**Diversidade cultural e produtiva, desenvolvimento territorial e humano** e um extraordinário **potencial de crescimento econômico** são características que diferenciam nosso Estado e o colocam como o 2º mais competitivo do País. Aqui se encontram os melhores indicadores sociais e econômicos do Brasil.

Veja mais detalhes nos estudos e estatísticas produzidos pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico – SDE e acompanhando o **Boletim Mensal de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina**.

## APRESENTAÇÃO

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina apresenta dados e informações da economia do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (PIB), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, volume de vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo diesel, inflação e câmbio e expectativas de agentes econômicos. Aborda também a evolução dos dados fiscais do governo estadual, entre os quais as receitas e despesas, evolução da dívida, dos gastos com pessoal, do resultado primário e nominal, entre outros indicadores do governo e da economia estadual.

Os dados são atualizados mensalmente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Além da atualização desses indicadores, o boletim apresenta os dados oficiais do PIB estadual de 2019, o último divulgado pelo IBGE/SDE e uma estimativa preliminar para os anos de 2020 e 2021.

Nesta edição, no artigo de abertura, apresenta uma abordagem referente ao PIB de Santa Catarina no período de doze meses encerrados em junho de 2022, relativos ao mesmo período anterior.

Traz também, a atualização dos principais indicadores da economia estadual, entre os quais os últimos indicadores fiscais do governo estadual, divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte à tomada de decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

[Acesse nosso site](#)

## **ECONOMIA ESTADUAL AVANÇA 2,7%**

A economia estadual teve um primeiro semestre marcado por uma desaceleração bastante expressiva da atividade econômica, já que vinha de um período de forte recuperação iniciado no segundo semestre de 2020 e que se consolidou em 2021, quando Santa Catarina se destacou com um crescimento robusto, estimado em 8,3%, um dos maiores do País.

Já nos quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, ainda que em desaceleração, a economia catarinense teve uma alta de 2,7%.

Além da base elevada de comparação, vários outros fatores contribuíram para essa desaceleração. O início do ano foi marcado pelo pico da variante Ômicron no País, quando grande parte da sociedade já percebia a pandemia como superada. O grande número de casos registrados gerou muita apreensão e contribuiu para postergar a normalização da circulação das pessoas e por sua vez, de seu acesso ao consumo de bens e serviços.

Não bastasse os efeitos desastrosos da epidemia sob a economia que desde princípios de 2020 desafiou a todos, a invasão russa na Ucrânia em fins de fevereiro passado, ocasionou mais um choque profundo

e transformador, em todas as partes do mundo, justamente em um período em que o mundo deslumbrava uma forte recuperação.

Os mercados de commodities e o comércio internacional foram (e seguem) significativamente impactados. Ainda que parte do agronegócio estadual tenha se beneficiado com aumento de exportações do complexo de soja; de carnes de frango e de produtos florestais, o aumento dos custos de produção afetou outros. Também a falta ou o alto custo de insumos e componentes industriais se disseminou por diversos segmentos, seja pelo aumento de preços ou pela redução da produção, e impactou também o consumo.

Também houve desaceleração da economia chinesa, que impactada pelos reveses da pandemia e pela crise imobiliária, persistiu com uma política de covid zero implementando persistentes lockdowns. Entre janeiro a julho, o valor das exportações estaduais para aquele país, recuaram 14%, a despeito do aumento do preço dos principais produtos exportados para aquele mercado. A normalização da produção local de carnes suínas também contribuiu significativamente para a queda das vendas para aquele país.

A produção agrícola também não ajudou. Estiagens e intempéries causaram a quebra da produção, principalmente de grãos. O índice de quantum da Agricultura caiu 4,3%, enquanto o da Pecuária, cresceu 2%.

Para fazer frente a uma inflação expressiva e crescente, decorrentes dessa conjuntura adversa, o Banco Central elevou rapidamente a taxa básica de juros do País, a Selic, que impactou as demais taxas de empréstimos, financiamentos e aplicações financeiras. Em menos de um ano e meio, a Selic passou de 2% para 13,75%, com uma esperada repercussão negativa na produção e no consumo.

E com a inflação elevada e o rendimento médio do trabalho em queda, a proporção de catarinenses endividados cresceu pelo oitavo mês consecutivo em julho e atingiu 49,6% das famílias. Em nível nacional, o cenário é bem pior, com o patamar de endividamento e as dívidas em atraso renovando recordes. Isso explica o pessimismo do consumidor que se mostra cauteloso frente a esse cenário. Lembrando aqui que grande parte de nossa produção industrial está votada para o mercado interno.

Apesar das recentes revisões para cima do crescimento da economia brasileira para esse ano, o que se observa é uma perspectiva de baixo crescimento no País, abaixo não somente da média mundial, mas inclusive da média da América Latina, tanto em 2021 como em 2022.

Segundo o IBGE, em recente divulgação do PIB trimestral, a economia brasileira também desacelerou no período, passando de um crescimento de 4,7% nos quatro trimestres terminados em março de 2022 (em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores) para 2,6%, na mesma comparação terminada em junho.

O resultado do Valor Adicionado neste tipo de comparação decorreu dos seguintes desempenhos: Agropecuária (-5,5%), Indústria (0,1%) e Serviços (4,3%).

As perspectivas atuais para a economia nacional são de uma acomodação desse crescimento a patamares ligeiramente inferiores nos próximos meses, já que as restrições fiscais e a alta dos juros para conter a inflação elevada, limitará as possibilidades de crescimento econômico. Também as incertezas típicas de anos eleitorais, o baixo aporte de investimentos públicos e o baixo crescimento mundial, contribuirão.

A recente ampliação de transferências sociais sobre o consumo das famílias, bem como as desonerações que ocorreram em itens que afetam amplamente os setores industriais e vinham pressionando os custos de produção, como energia e combustíveis, deverá ter efeito atenuante sob essa desaceleração.

Com o resultado do segundo trimestre, as previsões de crescimento para a economia brasileira em 2022 estão sendo revisadas e atualmente estão entre 2 e 2,5%.

Sem os estímulos do mercado interno e diante dos reveses apontados acima, a economia catarinense que vem crescendo acima da média brasileira desde 2016, passa agora por um processo de acomodação.

Diante dos indicadores do primeiro semestre e da base alta de comparação, a estimativa de crescimento da economia catarinense

para os quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, desacelerou para uma alta de 2,7%. Abaixo, portanto, dos 6,4% estimados para os quatro trimestres encerrados em março. Lembrando que em 2021, nossas estimativas apontaram para um crescimento de 8,3%.

Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 1,2%, sendo que a pecuária cresceu 2% e a agricultura retraiu 4,3%. A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção estadual. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz e tomate.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno vem sofrendo o impacto do aumento dos preços das carnes. A produção de suínos cresceu 8,5% nos últimos 12 meses até junho, relativos ao mesmo período anterior, enquanto a de aves, cresceu 0,9%. Os abates de bovinos recuaram 17,2%.

A elevação dos preços recebidos pelo produtor de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura, de 9,2%, na comparação das médias de janeiro a junho de 2022, com as respectivas médias de 2021. Na pecuária, com a forte demanda externa, entre outros fatores, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de

aves e do leite. O mercado de carnes suínas, impactado pela queda de exportações, teve seu preço reduzido. Com isso, o índice geral de preços da pecuária cresceu 6,3% no período. Foi o quarto ano consecutivo de alta.

A indústria de transformação retraiu 3,9% no período, sendo que as maiores quedas foram na produção de: Máquinas e Aparelhos Elétricos (-15,1%), Têxteis (-13,2%), Borracha e Plástico (-9,7%) e Máquinas e Equipamentos (-7,9%). A produção industrial de alimentos retraiu outros 1,6%. Entre os segmentos que cresceram estão o de veículos automotores (+10,1%) e a produção metalúrgica, que apesar da forte desaceleração, ainda está crescendo 2,6%.

Observa-se, portanto, uma desaceleração generalizada nesses segmentos, na comparação com os resultados anualizados de março passado. A fabricação metalúrgica, por exemplo, passou de um crescimento de 27,9% nos últimos quatro trimestres até março de 2022, para um crescimento de 2,6% na mesma comparação em junho de 2022, a maior desaceleração entre todos os segmentos industriais. A produção têxtil, passou de um crescimento de 0,3% para uma retração de 13,2% no período. Além desses, tiveram forte retração os segmentos de veículos, de minerais não metálicos, de máquinas elétricas, de máquinas e equipamentos e vestuário.

O setor dos serviços no Estado, de maior peso no PIB, teve um crescimento robusto no ano passado e que foi anterior a retomada em nível nacional, mas agora passa também a refletir os efeitos da desaceleração em curso da indústria e do comércio.

No comparativo de 12 meses até junho, o volume de serviços cresceu 3,6% em SC. Foi o último a sair da crise e é o que se mostrou mais dinâmico, com as maiores taxas de crescimento, ainda que em sua maior parte também estejam em desaceleração. A exceção dos Serviços Profissionais, Científicos e Administrativos, que retraíram 12%, todos os seus segmentos cresceram na comparação com o período anterior. Os Serviços Prestados às Famílias cresceram 27,3%, os Transportes, 11,3%, os Serviços de Informação, 10,2% e a Administração Pública, 5,4%.

Entre os segmentos que compõem o setor de serviços, o comércio é o de maior participação e desacelerou para uma alta de 4,8% no período. À exceção do volume de vendas de Móveis e Eletrodomésticos (-12,1%), de Materiais de Construção (-3,8%), do Vestuário (-3,8%) e dos Supermercados (-0,5%), todos os demais estão crescendo. Destacou-se aí o crescimento das vendas de Livros e Jornais (19,6%), de Equipamentos e Materiais para Escritório (+18,8%), de Veículos (16,7%) e de Artigos Farmacêuticos (+10,4%). As maiores desacelerações entre março e junho se deram nos segmentos de veículos, do vestuário e calçados e de artigos de uso pessoal e doméstico.

Ainda sob impacto negativo da pandemia, o comércio exterior vem agora enfrentando novos cenários com a guerra na Ucrânia e as sanções impostas a Rússia. No estado, o setor exportador se beneficiou com o bom desempenho dos segmentos de frango, celulose, madeiras e motores e peças. Já os embarques de suínos

retraíram devido ao excesso de oferta na China. E os de soja tiveram disponibilidade reduzida devido à queda na produção.

Santa Catarina exportou valores recordes nesse ano. No primeiro semestre acumulou alta de 25,6% no valor dos embarques. Em doze meses até junho o crescimento foi 31,1%, mas está em desaceleração quando comparado com meses anteriores.

Já o valor das importações via portos catarinenses cresceu 12,6% no primeiro semestre. E em doze meses até junho acumulou alta de 26,8%, demonstrando uma tendência de desaceleração do crescimento ainda mais forte.

Esses resultados, de modo geral, refletiram no mercado de trabalho. Apesar do desempenho relativo bastante positivo, os indicadores do emprego apontam para uma acomodação a patamares mais baixos, tanto em saldos como em crescimento. Depois de um saldo recorde no ano passado, a desaceleração da economia vem reduzindo o ritmo das contratações. Em 12 meses, a taxa de crescimento recuou para 5,9% em junho, em SC, décimo mês consecutivo de queda.

A taxa de desocupação no Estado está em 3,9% e manteve-se a menor do País, cuja média está em 9,3%. Ainda assim, estima-se em 160 mil pessoas desocupadas que procuram por emprego. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho está em 7% e é também a menor do País, cuja taxa estava em 21,2%.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, efetivamente realizados no segundo trimestre de 2022, pelas pessoas de 14 anos

ou mais de idade, ocupadas em Santa Catarina, foi R\$ 3.050, ou 5,7% abaixo da média de 2021, de R\$ 3.233,75. A massa salarial, no entanto, teve ligeira alta, devido a um maior número de pessoas ocupadas.

As receitas tributárias estaduais, sustentadas pela elevação dos preços de importantes fontes de arrecadação e pelo crescimento robusto da economia, estão atingindo valores recordes, contribuindo para a geração de superávits nas contas públicas, assim como para uma maior alavancagem dos investimentos. No entanto, o crescimento das receitas também está perdendo fôlego.

Com as recentes revisões para cima do Pib brasileiro, os empresários estão se mostrando mais confiantes e otimistas. Já, os consumidores, ainda que tenham melhorado suas percepções quanto ao momento atual e perspectivas futuras, seguem pessimistas, tanto em Santa Catarina, como na média nacional.

Em Santa Catarina, apesar da economia estadual encontrar-se bem tracionada, de o governo estadual estar em equilíbrio nas contas, gerando superávits e recursos próprios para investimentos e da reconhecida competitividade do Estado, o que se pode esperar, diante das dificuldades citadas acima, é de um crescimento mais modesto para esse ano.

Os desafios no segundo semestre, portanto, são muitos. Seja no enfrentamento aos entraves para um maior crescimento econômico, seja no abrandamento dos efeitos sociais desastrosos da pandemia e da guerra na Ucrânia, especialmente no que se refere aos extratos menos privilegiados de nossa sociedade.

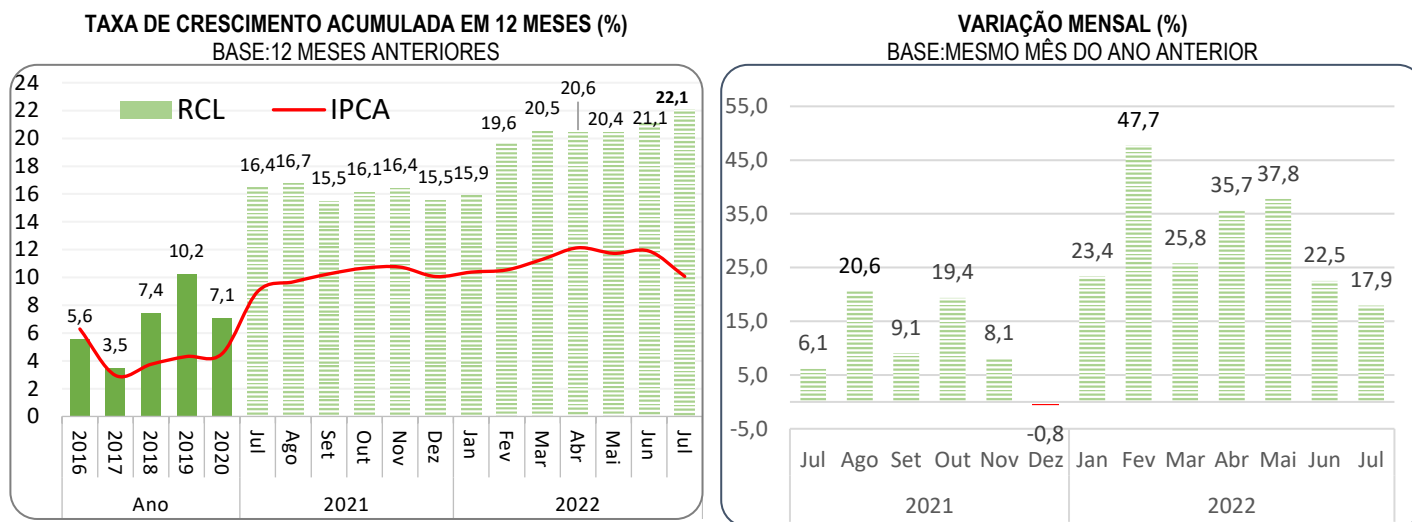
---

Economista Paulo Zoldan

## 1 QUADRO RESUMO

INDICADORES	Mês de Referência 2021/2022	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)			Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
						Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses
Receita Corrente Líquida - RCL	Julho			22,1	-0,9	17,9	29,8	22,1
Receita Tributária - RT	Julho			21,7	-0,4	11,6	27,1	21,7
ICMS	Julho			22,2	-1,1	9,1	27,9	22,2
Receita Líquida Disponível - RLD	Julho			22,9	-0,1	14,2	28,0	22,9
PIB SC 2022 - Estimativa SDE (12 meses até ...)	Junho			2,7				2,7
Empregos com Carteira Assinada	Julho			5,5	0,2		3,9	5,5
Produção Industrial - Indústria de Transformação	Junho	-3,8			0,2	0,6	-5,4	-3,8
Exportações	Julho			30,0	-5,4	20,7	24,8	30,0
Importações	Julho			22,7	10,0	18,0	13,4	22,7
Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Junho			4,8	-1,2	1,2	5,3	4,8
Receita das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Junho			22,5	-0,1	19,5	23,2	22,5
Volume de Serviços	Junho			8,4	-0,5	2,6	4,3	8,4
Volume das Atividades Turísticas	Junho			39,8	1,0	35,3	43,2	39,8
Emplacamentos de Veículos Novos	Julho	-20,6			7,7	-9,7	-16,1	-20,6
Consumo Aparente de Cimento	Dezembro			15,6	-12,5	24,9	15,6	15,6
Vendas de Óleo Diesel	Junho			5,6	-10,3	-2,2	1,8	5,6
Consumo de Energia Elétrica - Total	Junho			3,0	-1,0	2,1	2,2	3,0
Inflação (IPCA/Brasil)	Junho			11,9	0,7		5,5	11,9
Câmbio (Real x Dólar Americano)	31/ago	-4,8			-0,2	0,2	-3,3	-4,8

## 2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA-RCL (1)



### CRESCIMENTO DA RCL POR TIPO DE RECEITA - JULHO (%)

	VAR. ACUMULADA 12 MESES Base: igual período anterior	VAR.MENSAL Base: mesmo mês do ano anterior
	Crescimento (%) da RCL por tipo de receita até JULHO	
	Variação acumulada em 12 meses - (Base: igual período anterior)	Var.mensal (base: mesmo mês do ano anterior)
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (I - II)	22,1	17,9
RECEITAS CORRENTES 1 (I)	22,9	17,5
Receita Tributária (RT)	21,7	11,6
ICMS	22,2	9,1
IPVA	22,4	29,2
ITCMD	45,3	18,7
IRRF	20,0	45,6
Outras Receitas Tributárias	7,5	-4,4
Transferências Correntes	13,5	16,4
Outras Receitas Correntes	69,4	107,5
DEDUÇÕES (II)	24,6	16,6

Fonte: SEF-SC/GEINF - Sigef

(1) A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no parágrafo 9o do Art. 201 da Constituição.

### RCL RETRAI PELO SEGUNDO MÊS

A RCL de julho foi R\$ 3,073 bilhões, sendo o segundo mês consecutivo de retração. Em julho encolheu 0,9%, após retraindo 10,7% em junho, quando comparado com os respectivos meses anteriores.

O valor arrecadado em julho, no entanto, supera em 17,9% o arrecadado em julho de 2021, ou R\$ 467,3 milhões a mais nesta comparação. Mas foi também o segundo mês de queda nessa comparação.

No ano, a RCL acumula alta de 29,8%, quando comparado com o mesmo período de 2021.

No acumulado de 12 meses, a evolução dessa receita manteve discreto crescimento. Em julho, variou 22,1% quando comparado com os 12 meses anteriores, acima dos 21,1% da mesma comparação do mês anterior.

O crescimento das Receitas Correntes nesses últimos 12 meses até julho, de 21,7%, (na comparação com o mesmo período anterior), ocorreu como resultado do aumento de 21,7% da RT e de 69,4% das Outras Receitas Correntes, enquanto as Transferências Correntes cresceram 13,5%.

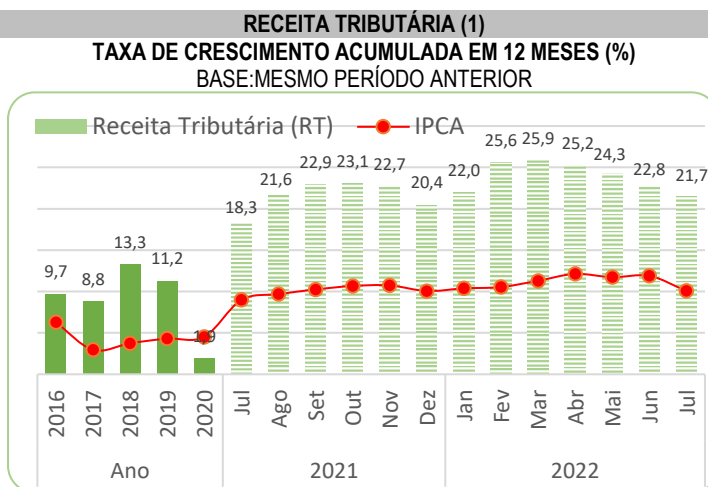
As deduções tiveram um crescimento maior no período, de 24,6%, impactando no crescimento da RCL (que variou 22,1% nessa comparação).

A inflação de 10,1% do período explica, em boa medida, esse desempenho da arrecadação, mas deve-se também ao crescimento robusto do PIB estadual e aos esforços de modernização da arrecadação.

## RECEITA TRIBUTÁRIA

### 3.RECEITA TRIBUTÁRIA (RT)

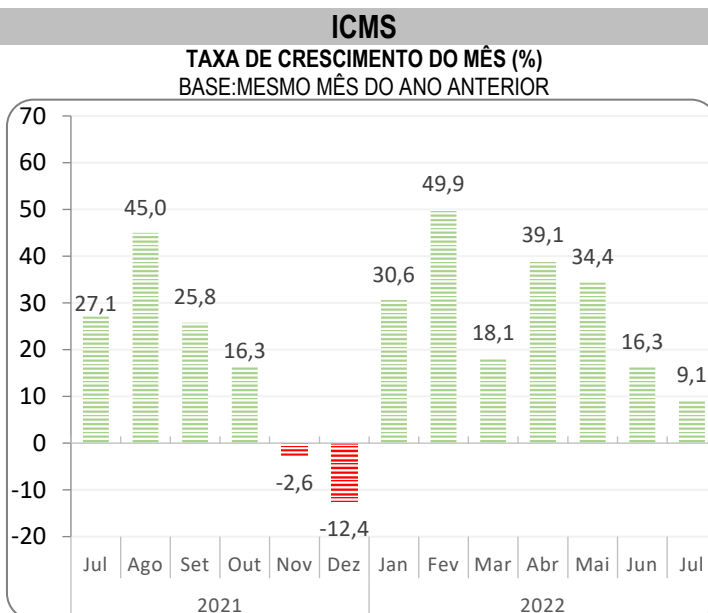
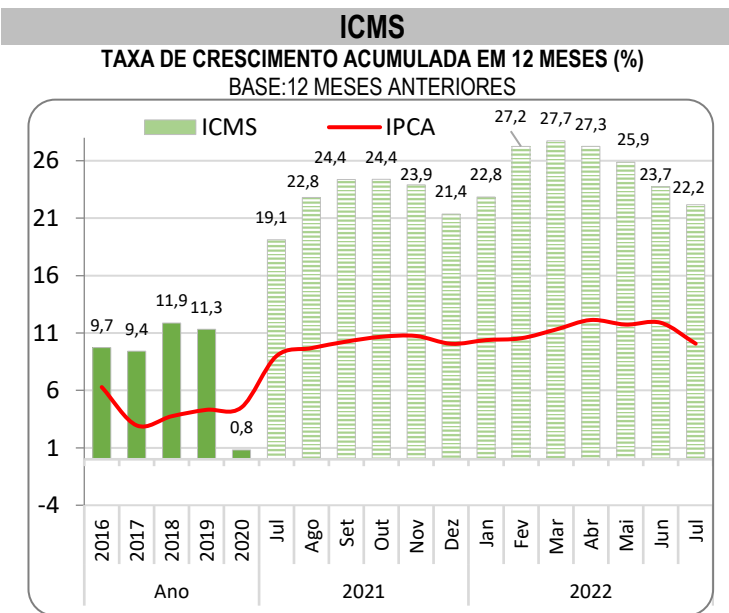
RECEITA TRIBUTÁRIA (1) DEMONSTRATIVO RESUMIDO DA RECEITA TRIBUTÁRIA		
Receita Tributária, 2022 (em R\$ milhões)		
	julho	acum. 12 meses
Receita Tributária	3.426,0	41.123.551
ICMS	2.723,8	33.689.046
IPVA	276,2	2.778.782
ITCMD	66,2	779.865
IRRF	207,2	2.164.860
Outras	152,5	1.710.998



A RT de julho atingiu R\$ 3,426 bilhões, 0,4% a menos que o arrecadado no mês anterior. Foi a terceira queda consecutiva e a quinta no ano nessa comparação. Ainda assim, o valor arrecadado supera em 11,6% o do mesmo mês de 2021. A inflação oficial no período foi 10,1%.

No acumulado do ano, a RT cresceu 27,1%, quando comparado com o mesmo período de 2021. E em 12 meses desacelerou pelo quarto mês seguido, para um crescimento de 21,7%.

Do total arrecadado em julho, 79,5% correspondeu ao ICMS. O IPVA representou 8,1%, o IRRF, 6%, o ITCMD, 1,9% e as outras receitas tributárias, 4,5%.



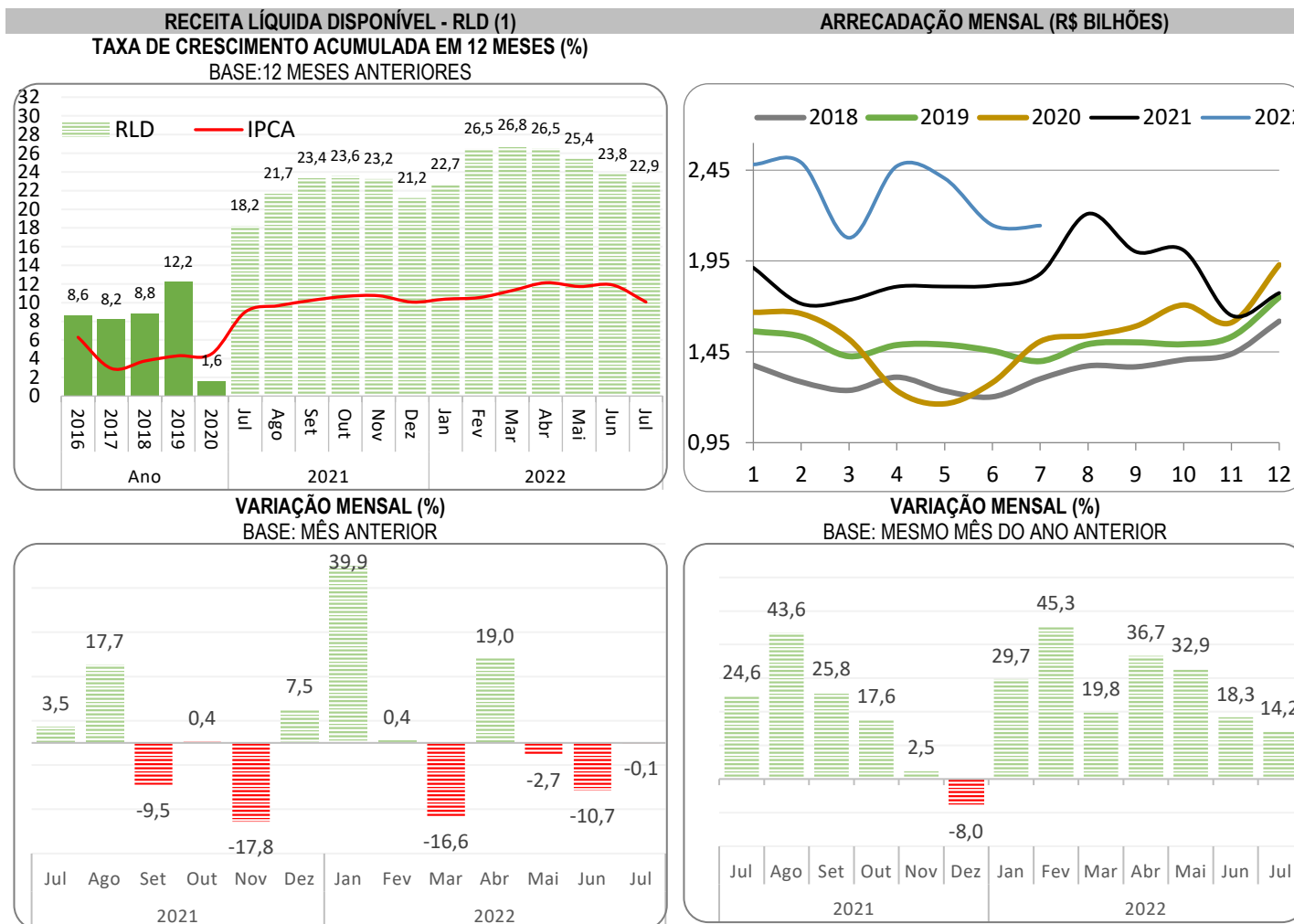
Em julho, na comparação com junho, o ICMS teve queda de 1,1%, mas foi 9,1% superior ao do mesmo mês de 2021. Em doze meses, teve mais uma desaceleração, para um crescimento de 22,2%, conforme apresentado no gráfico ao lado abaixo.

Além do efeito inflacionário sob importantes fontes de arrecadação e do desempenho robusto da economia estadual, o crescimento das receitas deve-se aos esforços de arrecadação, com modernização de sistemas e atuação destacada em setores específicos. Também houve retirada de diversos produtos da Substituição Tributária e revisão de benefícios fiscais.

Fonte: SEF-SC/Geinf –Sigeft

**RLD VOLTA A RECUAR EM JULHO**

**4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL (RLD)**



Fonte: SEF-SC/ (Sigef/SC)

(1) A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB.

A RLD de julho retraiu 0,1% em relação a junho, atingindo R\$ 2,145 bilhões. Foi o terceiro mês consecutivo de queda, depois de uma retração de 10,7% em junho e outra de 2,7% em maio.

O valor arrecadado em julho foi, no entanto, 14,2% maior que o arrecadado no mesmo mês de 2021.

No ano, a RLD acumula alta de 28%, na comparação com o mesmo período do ano passado.

O crescimento na comparação de 12 meses, sob o mesmo período anterior, foi 22,9%, registrando uma desaceleração pelo quarto mês consecutivo, conforme gráfico ao lado.

A RLD fechou 2021 com um crescimento de 21,2% e atingiu R\$ 22,3 bilhões.

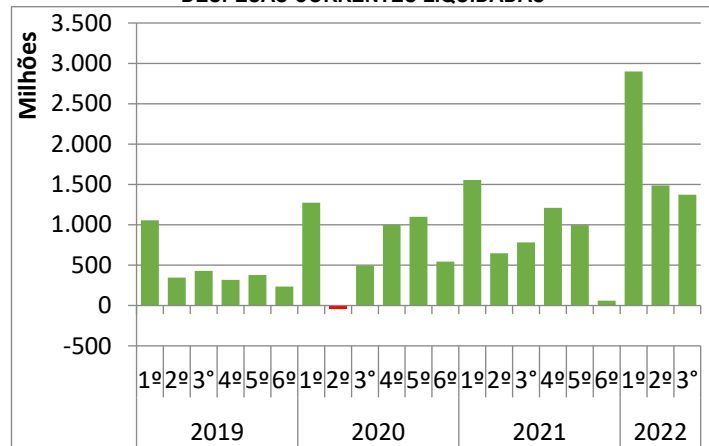
Vale ressaltar que esse crescimento se deu sob uma base baixa de comparação, já que em 2020 essa receita teve um crescimento nominal de apenas 1,6%. A inflação naquele ano foi 4,5%, enquanto em 2021, foi 10,06% e segue em alta em 2022.

A RLD está crescendo significativamente acima da inflação desde abril do ano passado.

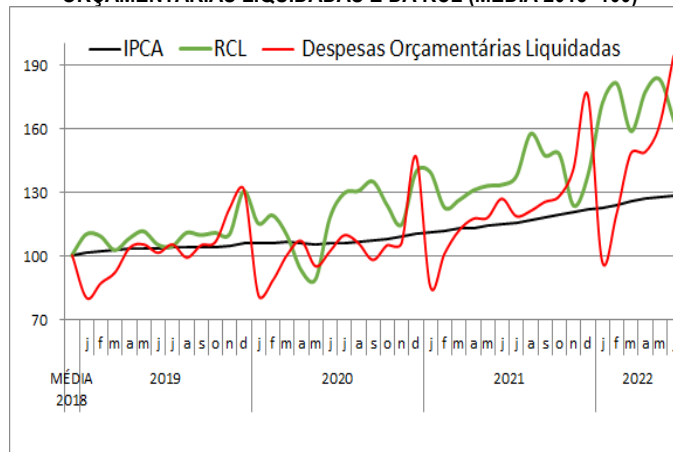
A evolução da diferença entre as Receitas Correntes Realizadas e as Despesas Correntes Liquidadas do Balanço Orçamentário do Executivo Estadual são apresentadas por bimestre para o período de 2019 até o terceiro bimestre de 2022. Observa-se, no período, à exceção do segundo bimestre de 2020, sucessivos superávits na execução orçamentária do Estado.

## 5. OUTROS INDICADORES FISCAIS DE SANTA CATARINA

**BALANÇO ORÇAMENTÁRIO: EVOLUÇÃO BIMESTRAL (EM R\$)**  
**DIFERENÇA ENTRE AS RECEITAS CORRENTES REALIZADAS E AS DESPESAS CORRENTES LIQUIDADAS**



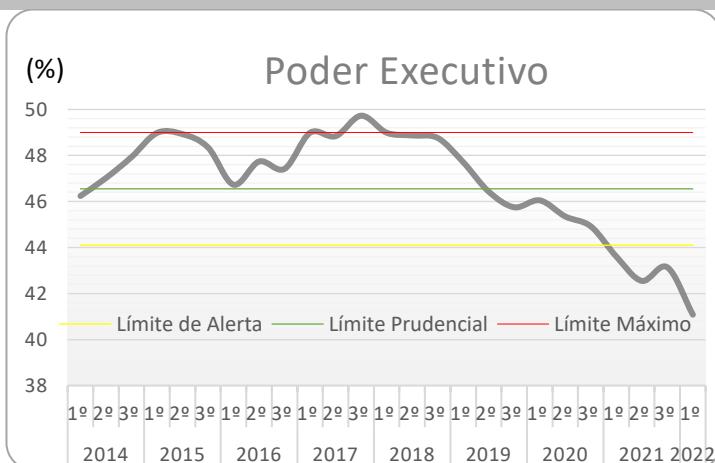
**EVOLUÇÃO MENSAL DAS DESPESAS E DA RCL**  
**SÉRIE ENCADEADA DO VALOR CORRENTE DAS DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS LIQUIDADAS E DA RCL (MÉDIA 2018=100)**



### RCL X DESPESAS

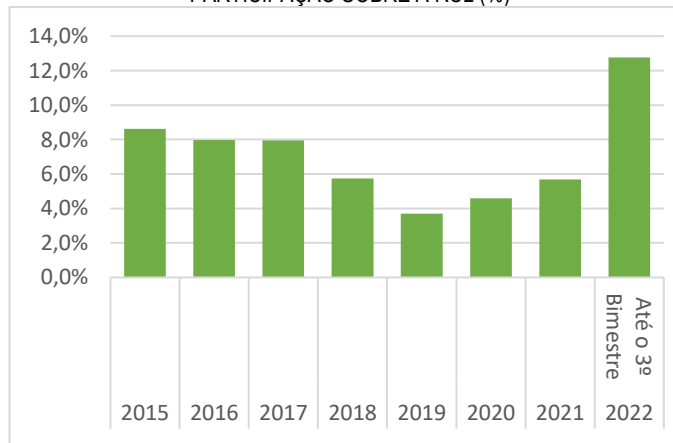
A evolução mensal da Receita Corrente Líquida, das Despesas Orçamentárias Liquidadas e do IPCA, no período de 2019 a junho de 2022, em relação as respectivas médias de 2018, demonstra uma tendência de crescimento da RCL acima da evolução das despesas.

**EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO DESPESA COM PESSOAL / RCL (%)**



**EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS**

**PARTICIPAÇÃO SOBRE A RCL (%)**



### DESPESAS COM PESSOAL

A LRF estabelece limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal no Poder Executivo. Em SC a variável vinha evoluindo próximo a esse limite, apresentando ligeira queda em 2018 e outra mais acentuada ao longo de 2019 e 2020. Essa relação continuou caindo e fechou o terceiro quadrimestre de 2021 em 43,14%, sendo o primeiro ano que essa relação se posicionou abaixo do limite de alerta. E fechou o primeiro quadrimestre de 2022 em 41,1%.

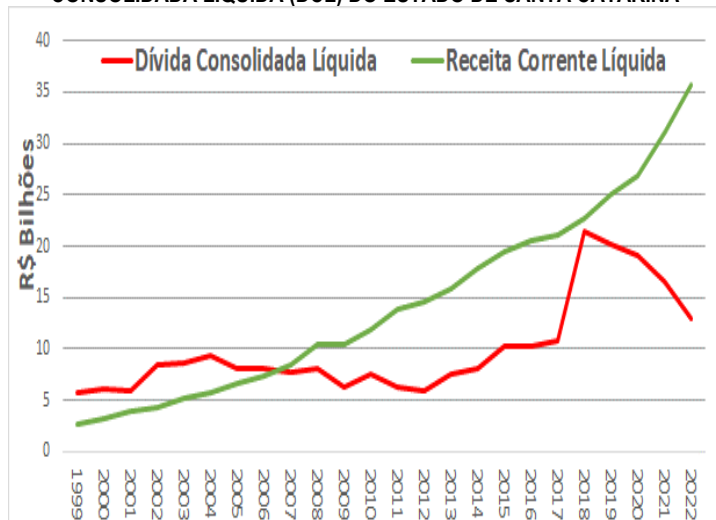
### INVESTIMENTOS

A capacidade de investimentos do Estado se recupera, inclusive com aporte crescente de recursos próprios do tesouro estadual. Em 2019, foram investidos R\$ 916,1 milhões, ou 3,7% da RCL do ano. Em 2020, os investimentos atingiram R\$ 1,2 bilhões ou 4,6% da RCL do ano. Em 2021, o valor investido foi R\$ 1,8 bilhões, 5,7% da RCL do ano. E até o 3º bimestre de 2022 foi investido R\$ 2,507 bilhões, 12,8% da RCL acumulada no ano.

Fonte: SEF/SIGEF/SC: Relatório Resumido da Execução Orçamentária (RREO)

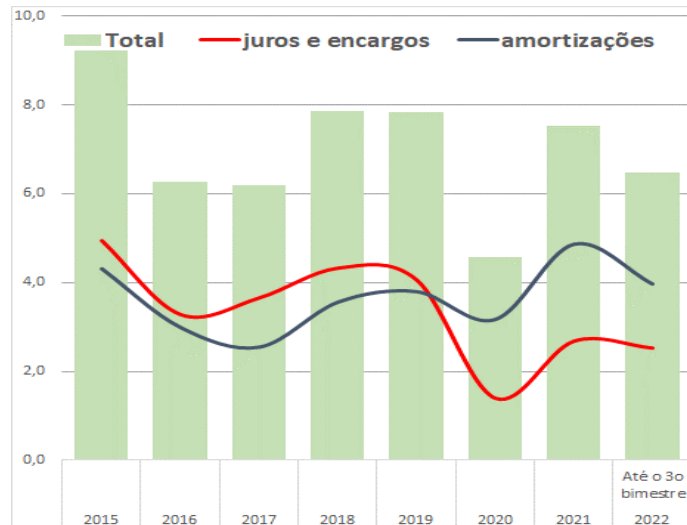
## 6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO

**EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (RCL) E DA DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA (DCL) DO ESTADO DE SANTA CATARINA**



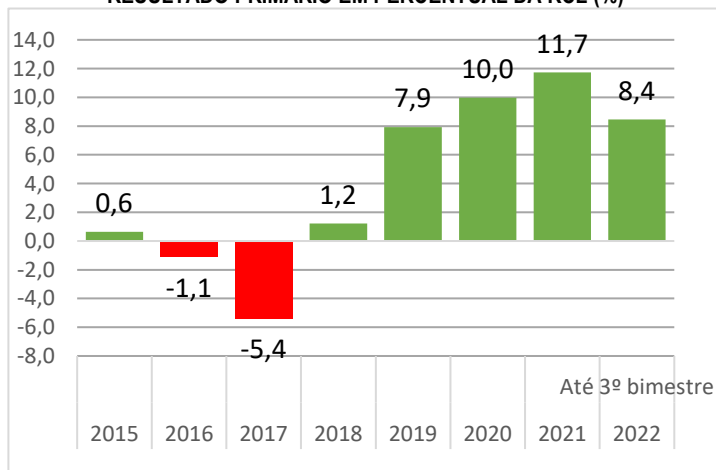
Fonte: SEF-DICF/RREO (até o 3º bimestre de 2022)

**SERVIÇO DA DÍVIDA EM % DA RCL**



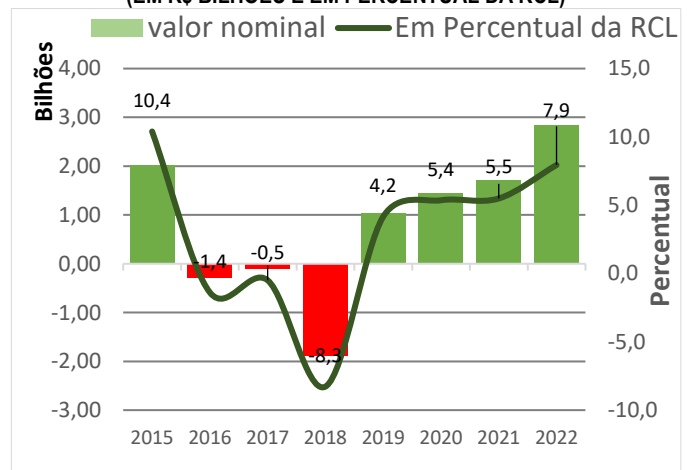
Fonte: SEF-DICF/RREO

**RESULTADO PRIMÁRIO EM PERCENTUAL DA RCL (%)**



Fonte: SEF/SC-DICF/RREO

**RESULTADO NOMINAL (EM R\$ BILHÕES E EM PERCENTUAL DA RCL)**



### DÍVIDA DO ESTADO

A Lei de Responsabilidade Fiscal observa a relação DCL/RCL para verificar o limite máximo de endividamento dos estados, conforme gráfico ao lado. O limite definido é de 200% da RCL. Em SC, em 2019, essa relação era de 80,3% quando a DCL estava em R\$ 20,1 bilhões. Em 2020, essa relação caiu para 70,8% e em 2021, para 53% da RCL. No terceiro bimestre de 2022, a DCL caiu para R\$ 12,892 bilhões, representando 36% da RCL. Entre 2019 e 2022 (até junho), portanto, a DCL do Estado caiu R\$ 7,3 bilhões.

### SERVIÇO DA DÍVIDA

O gráfico apresenta a evolução do serviço da dívida estadual (juros e encargos + amortizações) em proporção da RCL. Em 2019, 7,8% da RCL do Estado foi alocada no serviço da dívida e em 2020 essa proporção caiu para 4,6%. Em 2021, o serviço somou R\$ 2,3 bilhões ou 7,5% da RCL. Em 2022, até o 3º bimestre, somou R\$ 1,274 bilhões ou 6,5% da RCL.

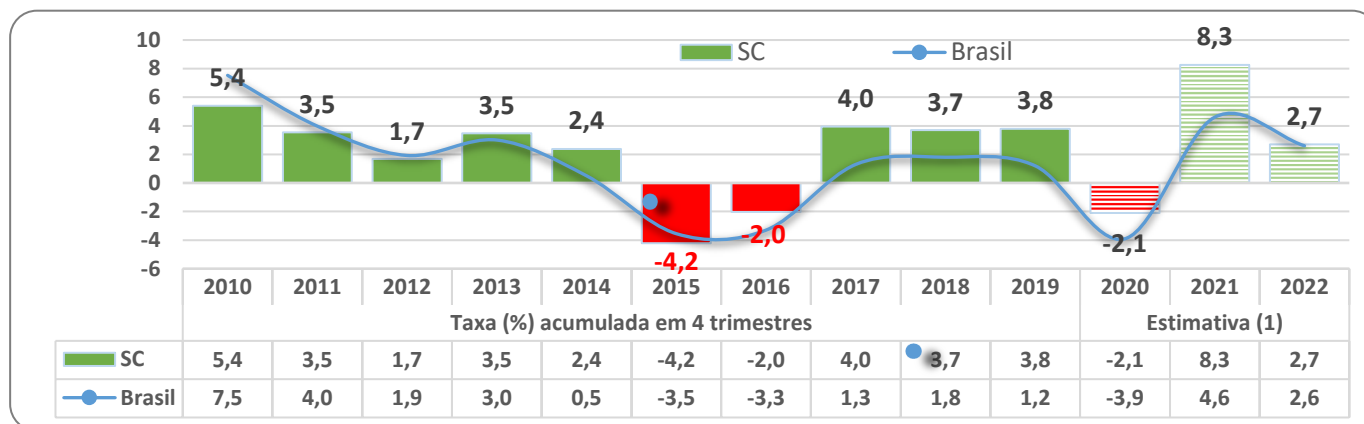
### RESULTADO PRIMÁRIO

O resultado primário é definido pela diferença entre receitas e despesas do governo, excluindo-se as receitas e despesas com juros. Em 2019, SC teve um superávit primário de R\$ 1,9 bilhões ou 7,9% da RCL. Em 2020, o superávit foi R\$ 2,680 bilhões ou 10% da RCL. Em 2021, o resultado correspondeu a 11,7% da RCL ou R\$ 3,645 bilhões. E até o 3º bimestre de 2022 o superávit foi R\$ 3,024 bilhões e representou 8,4% da RCL do período, bem acima da meta fiscal da LDO para o exercício fixada em R\$ 1,473 bilhões.

### RESULTADO NOMINAL

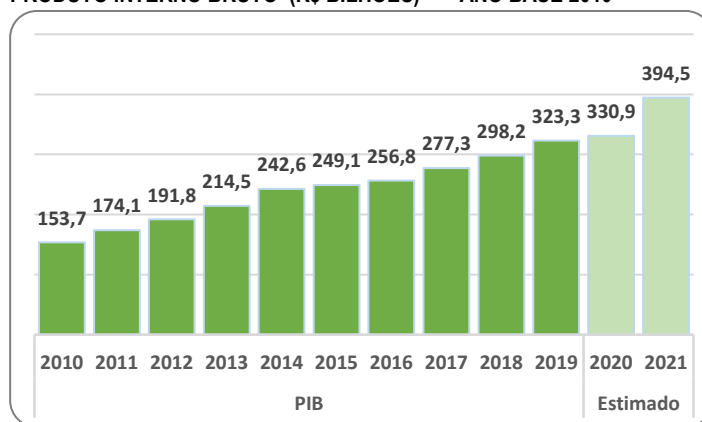
É a diferença entre o fluxo agregado de receitas totais (inclusive de aplicações financeiras) e de despesas totais (inclusive com juros). Entre 2016 e 2018, SC teve resultado deficitário. Em 2019, atingiu um superávit de 4,2% da RCL, equivalente a R\$ 1,043 bilhão. Em 2020, o superávit subiu para R\$ 1,440 bilhão, 5,4% da RCL e em 2021, avançou para R\$ 1,7 bilhão, 5,5% da RCL. E até o 3º bimestre de 2022 o superávit nominal foi R\$ 2,842 bilhões, 7,9% da RCL.

## 7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

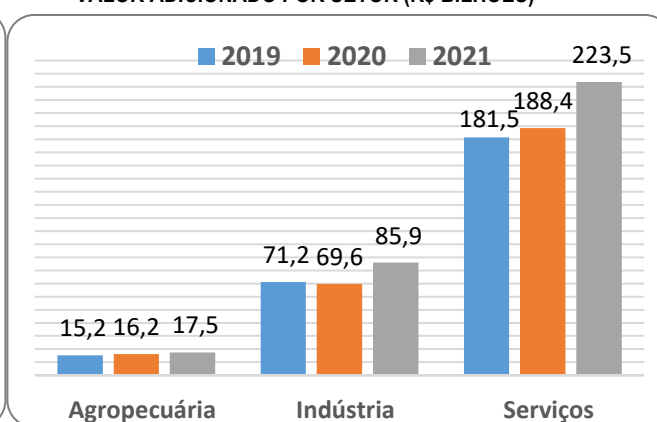


### 7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR TAXA DE CRESCIMENTO REAL DO PIB (%)

PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$ BILHÕES) - ANO BASE 2010



VALOR ADICIONADO POR SETOR (R\$ BILHÕES)



Fonte: PIB 2010-2019: IBGE e SDE/SC: Contas Nacionais e Contas Regionais; PIB Brasil 2020 a 2022: IBGE/ PIB Trimestral Nacional; PIB Estadual 2019 a 2022: SDE/SC/Diec/ (estimativa SDE do Índice da Atividade Econômica de Santa Catarina). O resultado de 2022 refere-se à variação acumulada de 12 meses até junho de 2022 sob o mesmo período anterior.

A economia estadual teve um primeiro semestre marcado por uma desaceleração expressiva da atividade econômica.

Diante de uma base alta de comparação e do desempenho dos indicadores do primeiro semestre, a estimativa de crescimento da economia catarinense para os quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação ao mesmo período anterior, desacelerou para uma alta de 2,7%. Abaixo, portanto, dos 6,4% estimados para os quatro trimestres encerrados em março.

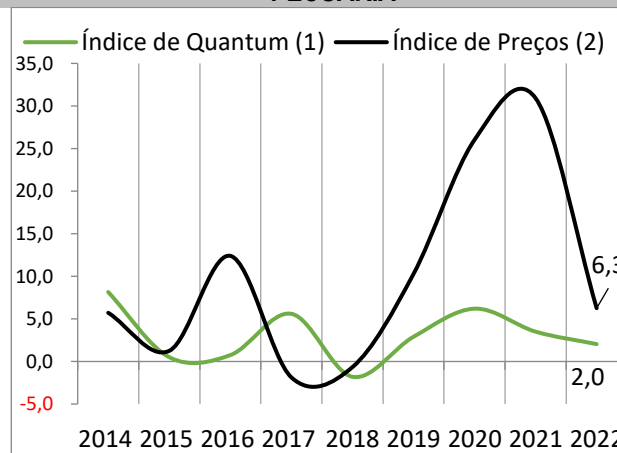
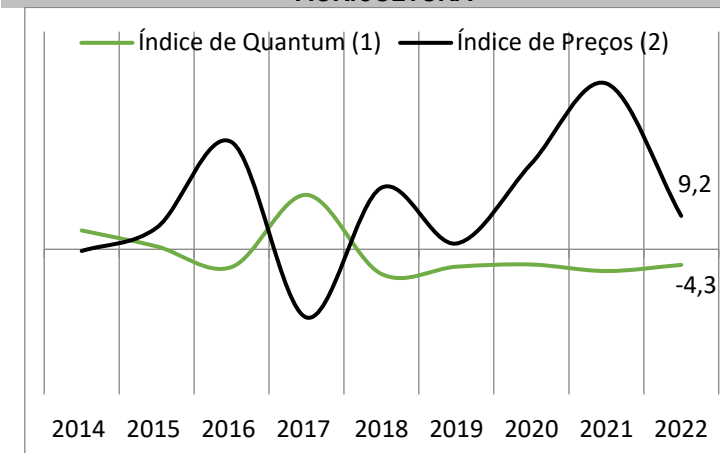
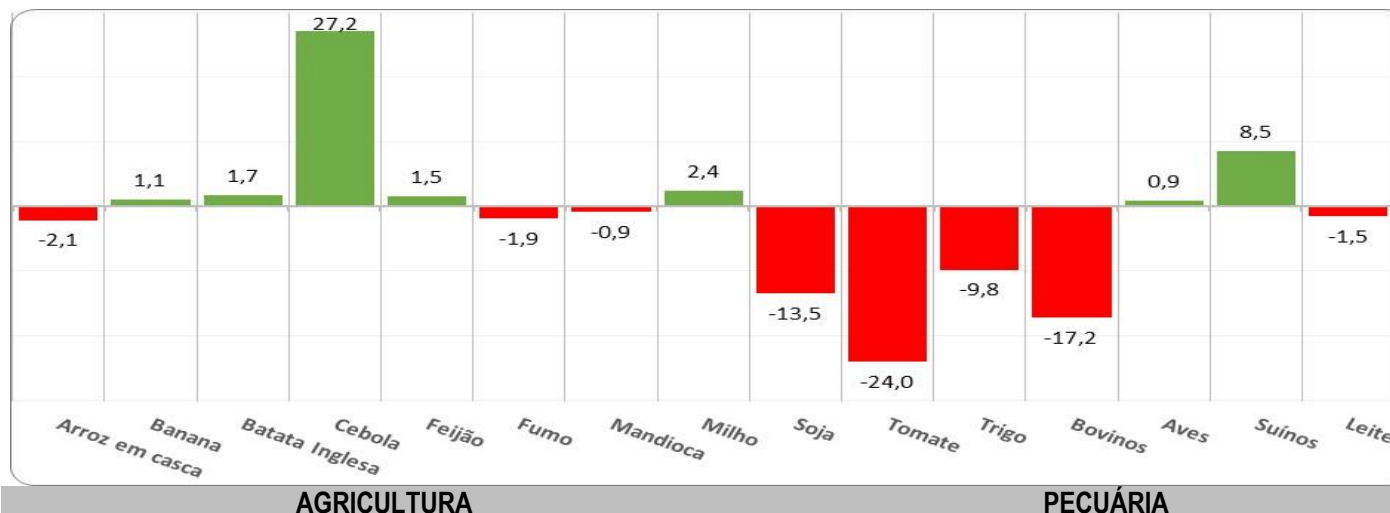
Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 1,2%, sendo que a pecuária cresceu 2% e a agricultura retraiu 4,3%.

A indústria de transformação retraiu 3,9% no período, sendo que as maiores quedas foram na produção de Máquinas e Aparelhos Elétricos, de Têxteis, de Borracha e Plástico e de Máquinas e Equipamentos. Entre os que cresceram estão o de veículos automotores e a produção metalúrgica.

O setor dos serviços cresceu 3,6% em SC. A exceção dos Serviços Profissionais, Científicos e Administrativos, que retraíram 12%, todos os seus segmentos cresceram na comparação com o período anterior, ainda que em desaceleração.

## 7.2. AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA 2022/2021 (%)



## PREÇOS COMPENSAM RECUO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz, tomate e fumo.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno sofre o impacto do aumento dos preços. A produção de suínos em Santa Catarina cresceu 8,5% nos últimos 12 meses até junho, relativos ao mesmo período anterior, enquanto a de aves, cresceu 0,9%. Os abates de bovinos recuaram 17,2%.

## QUANTUM E PREÇOS

Entre 2021 e 2022, o Índice de quantum agrícola estadual retraiu 4,3%, sendo o quinto ano consecutivo de queda. Já o quantum da pecuária (em 12 meses até junho) cresceu 2%, na comparação com 2021, registrando o quarto ano seguido de alta.

A elevação dos preços recebidos pelo produtor de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura, de 9,2%, na comparação das médias de janeiro a junho de 2022, com as respectivas médias de 2021. Na pecuária, com a forte demanda externa, entre outros fatores, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de aves e do leite. O mercado de carnes suínas, impactado pela queda de exportações, teve seu preço reduzido. Com isso, o índice geral de preços da pecuária cresceu 6,3% no período. Foi o quarto ano consecutivo de alta.

1) O índice de quantum tem como objetivo medir, em nível estadual, o desempenho físico da produção do setor.

2) O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços correntes dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

Fonte: EPAGRI/Cepa (Acompanhamento de Safras e preços médios mensais recebidos pelos agricultores de SC; IBGE/PAM e LSPA de junho de 2022 e Pesquisa Trimestral do Leite (2022/2021 até março); MAPA/SIPAS e DFA (quantitativos de abates nos últimos doze meses até junho de 2022, sob o mesmo período anterior) e o índice de preços calculado sob as médias de preços de janeiro a junho de 2022 em relação ao mesmo período de 2021.

### PRODUÇÃO INDUSTRIAL SEGUE EM DESACELERAÇÃO

A produção industrial segue ritmo de desaceleração do crescimento, tanto no estado como na média brasileira.

A pandemia, a guerra na Ucrânia e os lockdowns na China encareceram ou dificultaram o acesso a matérias primas utilizadas nos processos industriais, criando gargalos em diversas cadeias produtivas. Segundo a CNI este é o maior problema do setor. Mas também a inflação elevada que fez com que a taxa básica dos juros passasse de 2% para 13,75% em curto espaço de tempo também preocupa, já que traz efeitos negativos sobre a produção, o consumo e o emprego.

Os estímulos ao consumo do governo federal e o desempenho recorde do comércio exterior se mostram insuficientes diante de uma demanda doméstica impactada pela redução do poder de compra das famílias e por incertezas crescentes.

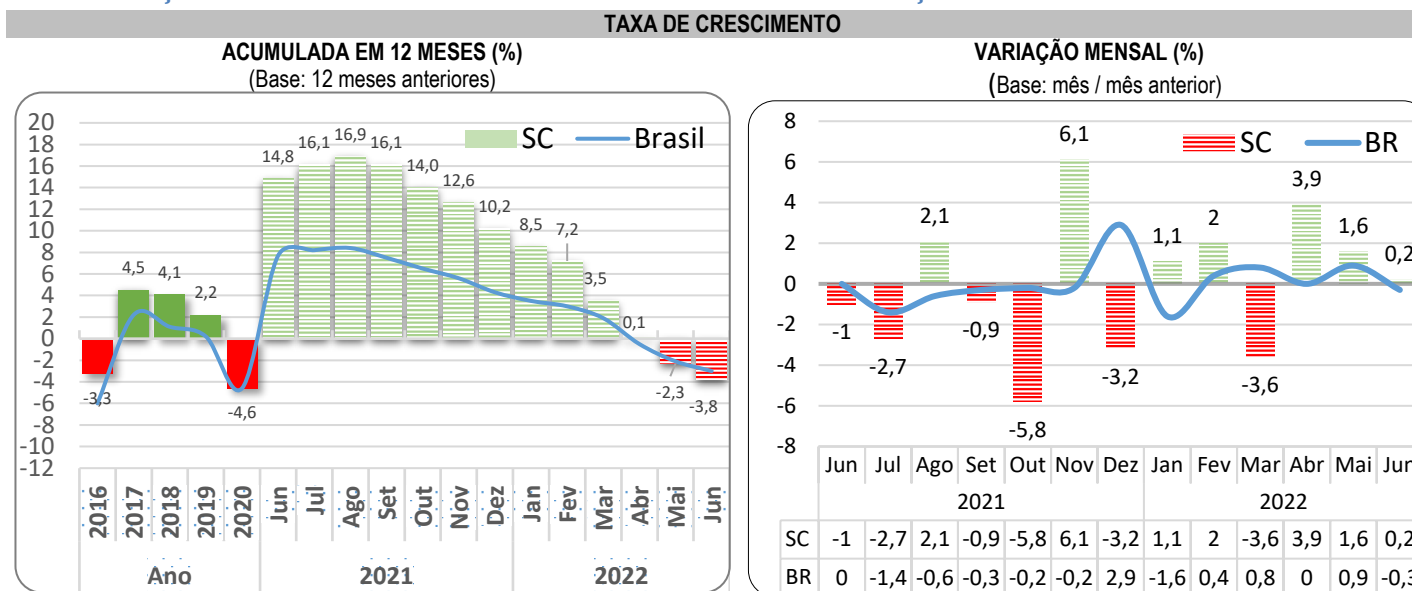
Apesar das dificuldades, a produção da indústria de transformação de SC está 5,2% acima do patamar pré-pandemia (fev/ 2020), condição bem mais confortável que o da média brasileira que se encontra 1,1% abaixo daquele patamar.

A produção industrial em SC cresceu 0,2% em junho, o terceiro mês consecutivo de alta, ainda que em desaceleração. Com esse resultado, a retração no ano diminuiu para -5,4%, enquanto em nível nacional está em -2,1%.

Mas em doze meses, sob o mesmo período anterior, comparação de maior estabilidade, a indústria estadual retraiu mais e manteve desempenho inferior à média brasileira. Retraiu 3,8% até junho, enquanto a indústria de transformação brasileira retraiu 3%.

As maiores variações por subsetor no Estado podem ser observadas nos gráficos ao lado.

### 7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA - INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO



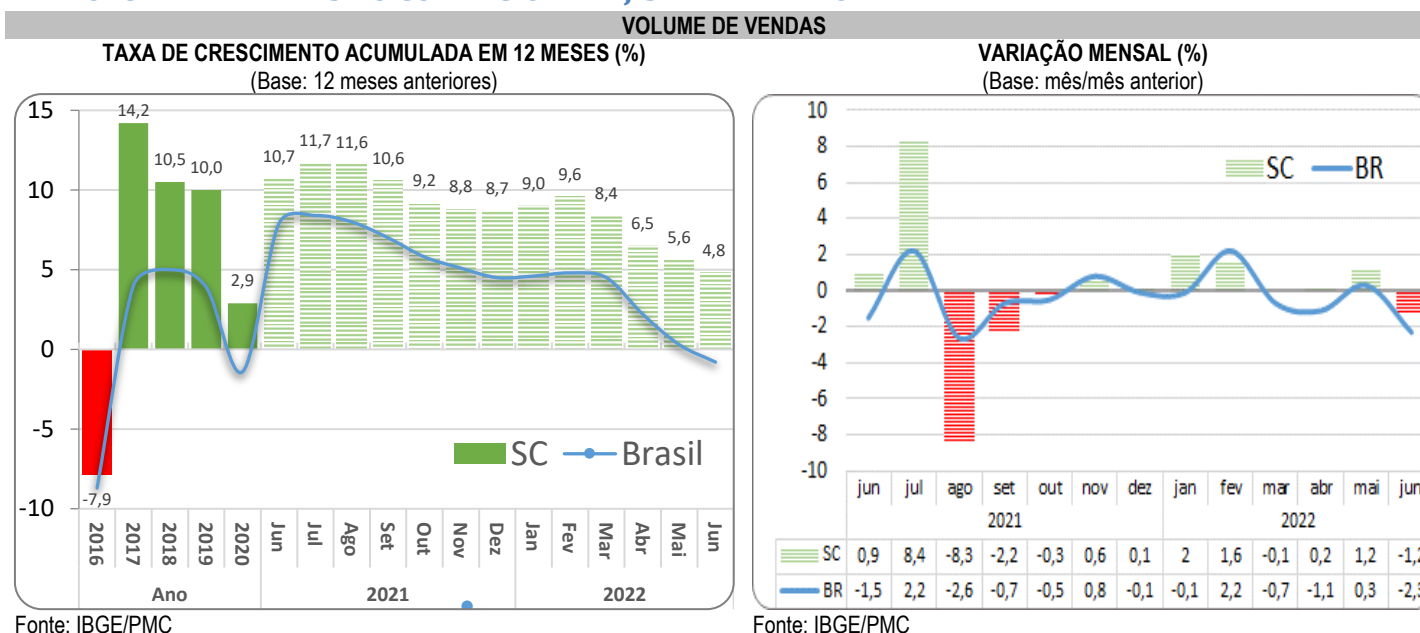
#### INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR SUBSETOR

SUBSETOR	Variação (%) - junho	
	(Base: igual mês do ano anterior)	(Base: igual período do ano anterior)
Indústria de Transformação - BR	0,1	-3
Indústria de Transformação - SC	0,6	-3,8
Produtos alimentícios	14,3	-1,6
Produtos têxteis	-15,1	-13,2
Artigos do vestuário e acessórios	13,7	1,8
Produtos de madeira	-19,2	-0,6
Celulose, papel e produtos de papel	2,8	1,3
Produtos de borracha e de material plástico	-3,8	-9,7
Produtos de minerais não-metálicos	-6,5	-5,5
Metalurgia	-10,9	2,6
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	8,5	-4,3
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-2,1	-15,1
Máquinas e equipamentos	-7,8	-7,9
Veículos automotores, reboques e carrocerias	2,9	10,1

Fonte: IBGE/PIM

## COMÉRCIO ESTADUAL RETRAI

### 7.4. VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO



A retração de junho de 1,2% no volume de vendas do varejo ampliado no Estado neutralizou o crescimento do mês de maio e foi a maior desde setembro do ano passado.

Apesar dos estímulos de curto prazo ao consumo anunciados pelo governo federal, o cenário ainda se mostra desafiador. Com endividamento das famílias crescente, juros altos, queda do poder de compra do consumidor e incertezas internas e externas também crescentes, o consumidor está cauteloso e o comércio vendendo menos.

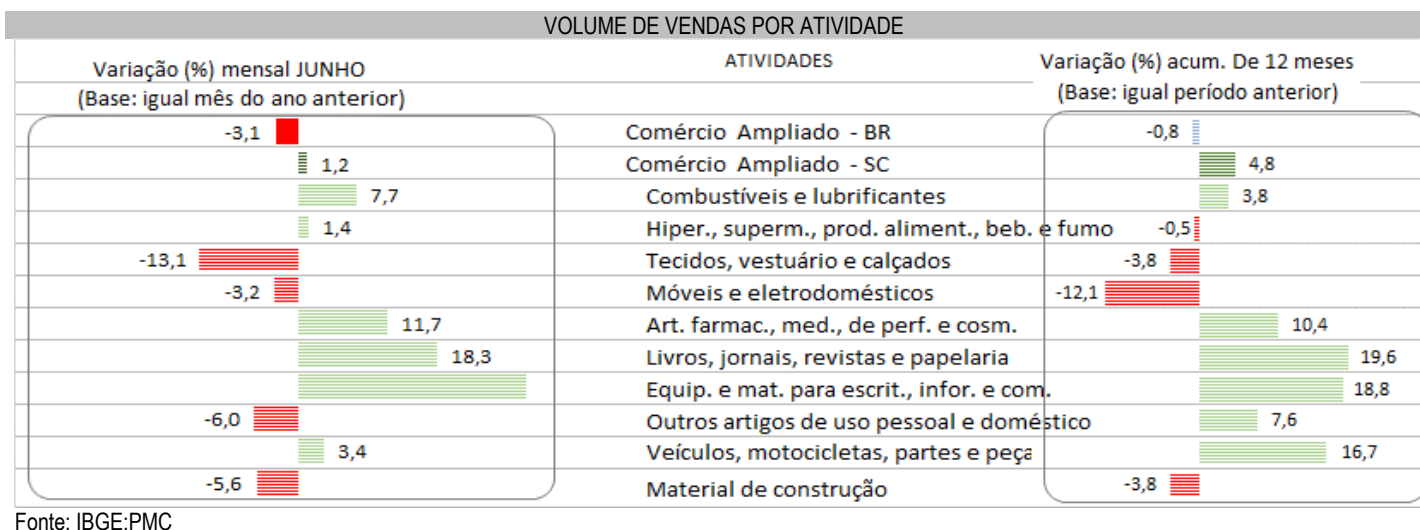
Ainda que o indicador de intenção de consumo das famílias catarinenses tenha avançado nos últimos meses, encontra-se em patamar bastante pessimista e estava em julho, 47,7% abaixo do patamar pré-pandemia (fev/22).

Em qualquer base de comparação o comércio estadual supera o desempenho nacional.

Em SC, o volume de vendas do ampliado avançou 1,2%, frente a junho de 2021, e foi a menor variação do ano. No acumulado de 2022, as vendas cresceram 5,3%, frente a média nacional de 0,3%.

Em doze meses, o volume do ampliado avançou 4,8% no Estado, mantendo uma tendência de desaceleração iniciada em agosto passado, quando crescia a 11,6%. No País, o comércio retraiu 0,8%.

Em Santa Catarina, o volume de vendas retraiu em quatro das dez atividades pesquisadas, conforme gráficos ao lado.



**SERVIÇOS: CRESCIMENTO PERDE RITMO**

O volume de receitas do setor de serviços se mantém impulsionado pela volta da circulação das pessoas, após um longo período de demanda retráida pela pandemia. Os serviços prestados pelas famílias, que inclui o segmento de alojamento e alimentação, um dos mais impactados e dos últimos a se recuperar da crise, apresentam-se agora como os de maior dinamismo.

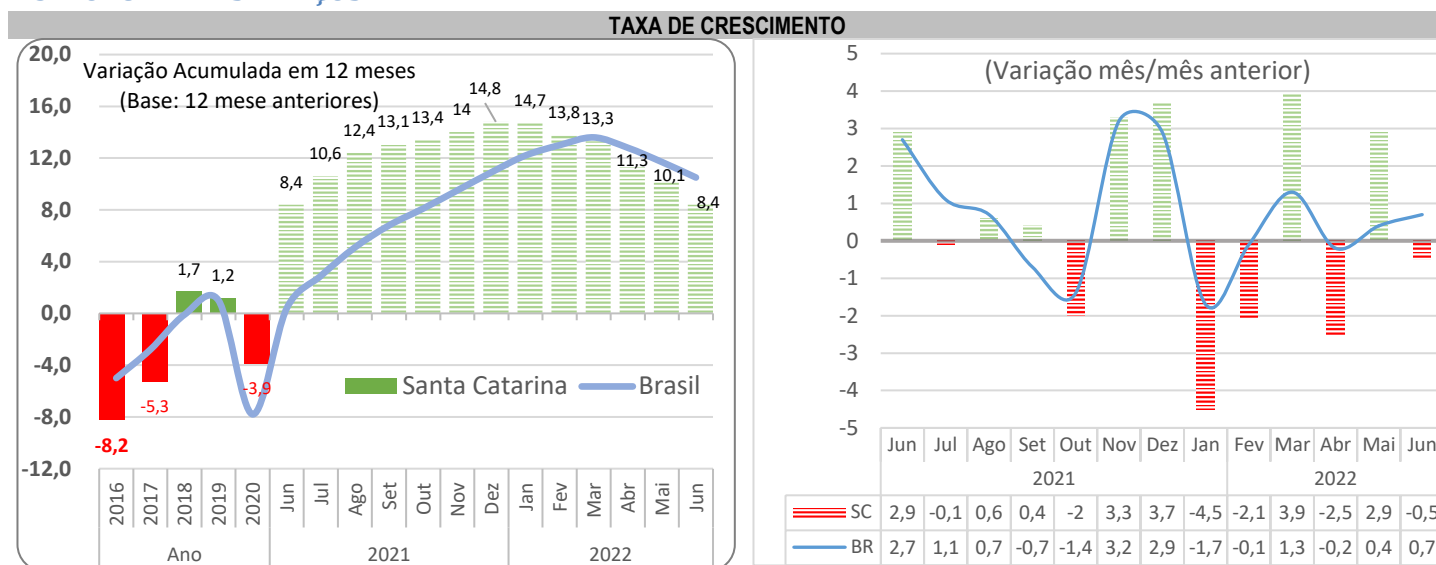
Mas, assim como os demais setores da economia, os serviços estão em desaceleração. Após um crescimento robusto em 2021, de 14,8%, agora passa a refletir os efeitos da queda no poder de compra das famílias e a desaceleração da indústria e do comércio.

Em SC, o volume de serviços retraiu 0,5% em junho frente a maio, a quarta retração do ano. Com isso, o setor desacelerou o crescimento no acumulado no ano para 4,3%, pouco menos da metade da média brasileira, de 8,8%.

Em 12 meses, o volume desacelerou para 8,4% em SC. Das cinco atividades acompanhadas, os Serviços Profissionais retrairam 12%, sendo que todos os demais cresceram.

O setor teve uma recuperação anterior em SC na comparação com a média brasileira e agora passa por uma acomodação. O volume dos serviços no estado encontra-se 14,6% acima do patamar pré pandemia, de fevereiro de 2020. Nacionalmente, encontra-se 7,4% acima daquele patamar.

**7.5. VOLUME DE SERVIÇOS**



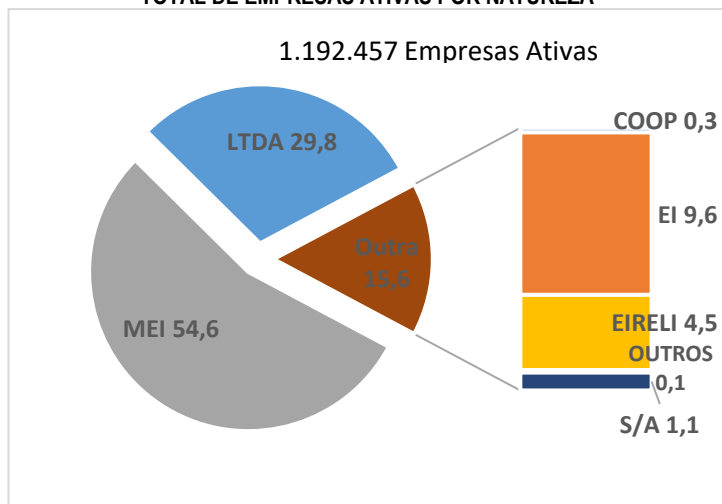
**TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES**

Setor e Atividade (PMS- IBGE)	Var. (%) mensal - JUNHO (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var.(%) acum. de 12 meses até JUNHO (Base: igual período do ano anterior)
Volume Total - BR	6,3	10,5
Volume Total - SC	2,6	8,4
Serviços prestados às famílias	28,5	27,3
Serviços de informação e comunicação	3	10,2
Serv. Profiss., administr. e complementares	-17,5	-12
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	4,1	11,3
Outros serviços	9,1	11,9

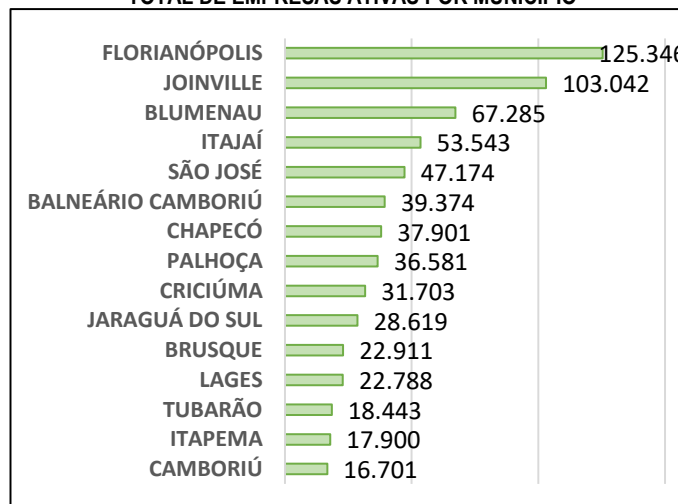
Fonte: IBGE/PMS

## 7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E EXTINTAS EM SANTA CATARINA

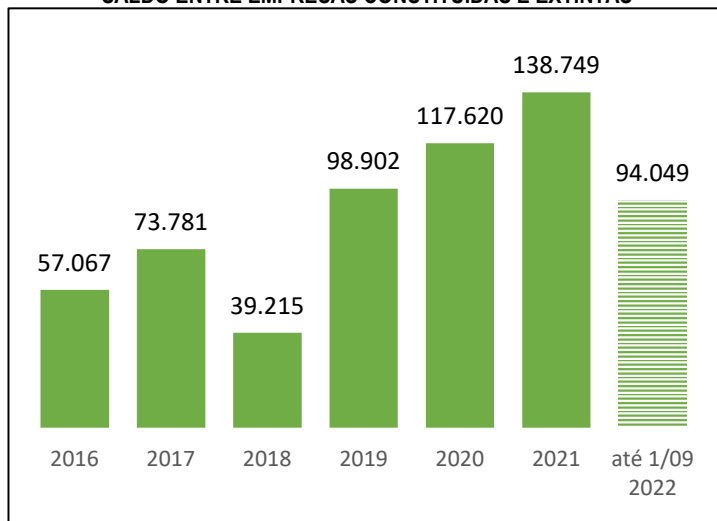
TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR NATUREZA



TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR MUNICÍPIO



SALDO ENTRE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E EXTINTAS



Fonte: JUCESC

EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2022 POR SETOR

Setor	Qtde
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	32.658
Indústrias de transformação	16.384
Construção	14.675
Transporte, armazenagem e correio	13.152
Atividades administrativas e serviços complementares	12.922
Atividades profissionais, científicas e técnicas	12.813
Outras atividades de serviços	11.283
Alojamento e Alimentação	10.868
Educação	6.613
Informação e comunicação	4.754
Saúde humana e serviços sociais	3.789
Serviços domésticos	3.153
Atividades imobiliárias	2.272
Atividades Financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.427
Outras	2.827

## EMPRESAS ATIVAS

O número de empresas ativas em SC até o dia 1/9/2022 era de 1.192.457. Desse total, 54,6% referem-se a microempreendedores individuais (MEI), enquanto 4,5% são empresas individuais de responsabilidade limitada (EIRELI) e 9,6% são empreendedores individuais (EI). As empresas de sociedade limitada representam outros 29,8% do total.

### DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIO

Florianópolis lidera o empreendedorismo em Santa Catarina. Do total de empresas ativas no Estado, 56,1% estão registradas nos quinze municípios destacados no gráfico.

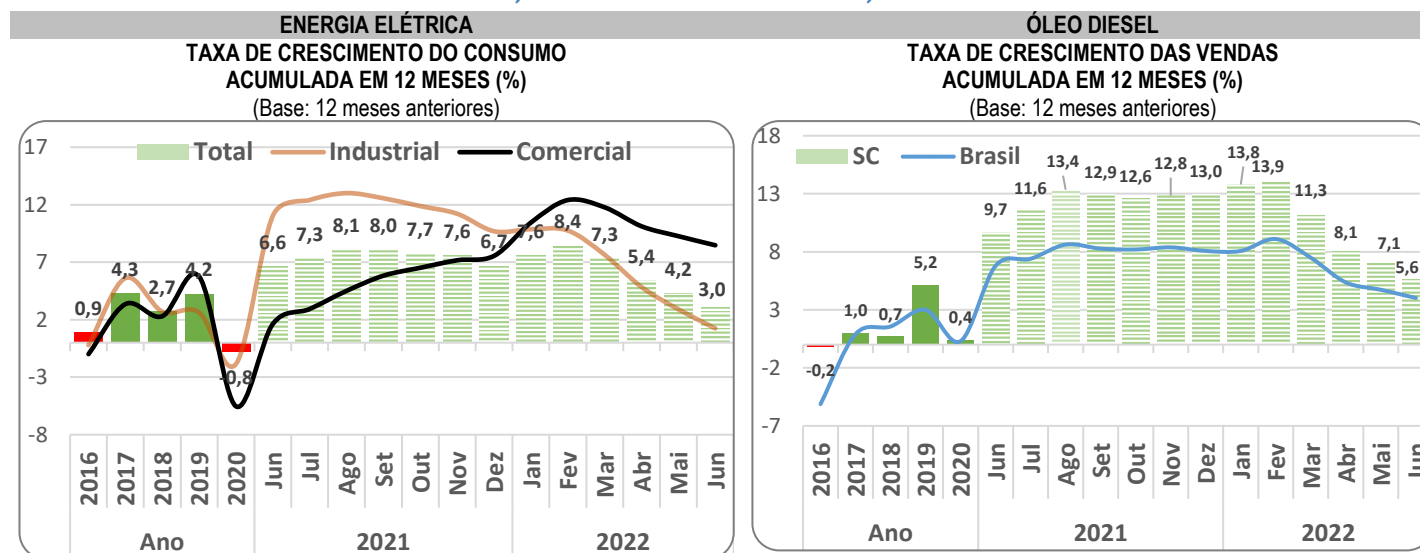
### EMPRESAS CONSTITUÍDAS

O saldo entre empresas constituídas e extintas pela Junta Comercial de SC vem subindo a cada ano. Em 2020, o saldo superou 2019 que já havia sido o maior da série iniciada em 2013. E em 2021, o saldo registrou novo recorde atingindo 138,7 mil novas empresas. O saldo atípico de 2018 deve-se ao grande número de extinções por força de lei. Em 2022, até 1/9 o saldo estava em 94 mil.

### POR SETOR

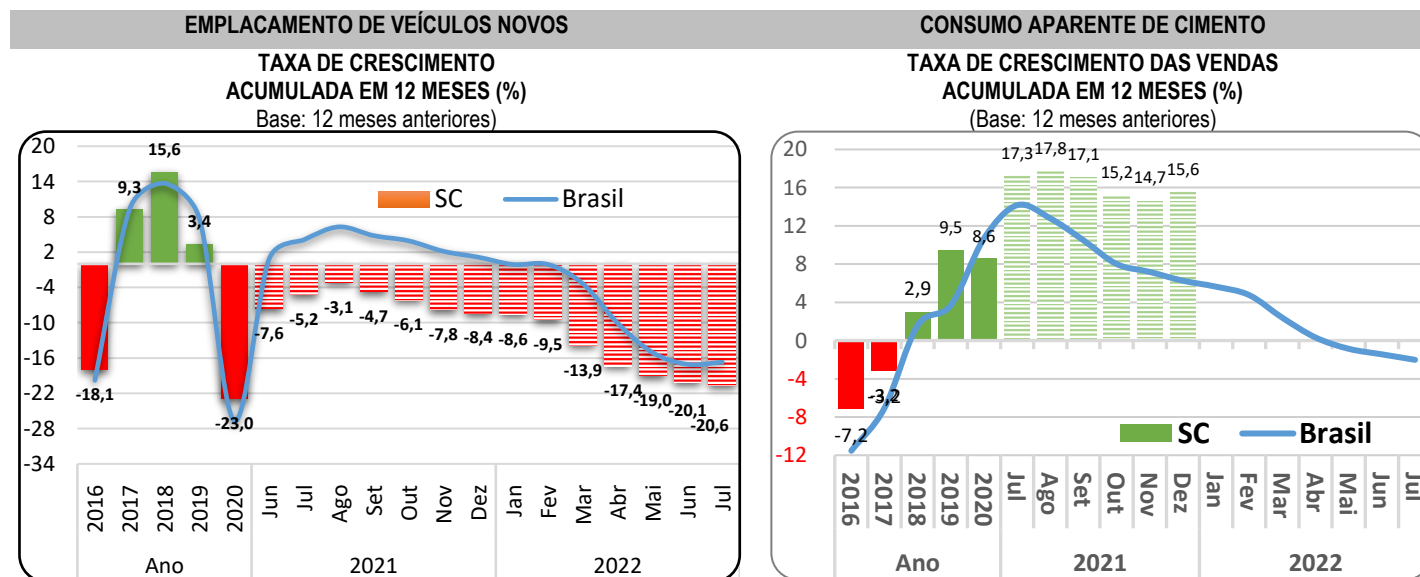
Do total de empresas que foram constituídas em 2022, o setor do comércio liderou entre os demais. A indústria de transformação, a construção civil, os transportes e as atividades administrativas seguem como os empreendimentos mais atrativos.

## 7.7 CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA, VENDAS DE ÓLEO DIESEL, VEÍCULOS NOVOS E CIMENTO



Fonte: CELESC

Fonte: ANP



Fonte: FENABRAVE/SC-ANFAVEA

Fonte: SNIC

## ENERGIA ELÉTRICA

O consumo de energia elétrica distribuída pela Celesc desacelerou no primeiro semestre de 2022. Após crescer 6,7% em 2021, caiu para 3% nos 12 meses até junho, sob o mesmo período anterior. Contribuiu a base alta de comparação, mas também a desaceleração da economia e a alta dos preços da energia. Em 2022, na série anualizada, o consumo industrial teve a maior desaceleração (+1,2%), seguido pelo comércio (+8,5%). O residencial cresceu 3,4% no período.

## ÓLEO DIESEL

As vendas de óleo diesel entraram em ritmo de expansão desde março do ano passado. Em 2020 cresceram apenas 0,4% no Estado, mas fecharam 2021 com uma alta de 13%. No primeiro semestre de 2022, no entanto, com a explosão dos preços dos combustíveis e a desaceleração da economia, voltaram a recuar. Na comparação de doze meses, desaceleraram para 5,6% no Estado, mas superam a média nacional, conforme apresentado ao lado.

## VEÍCULOS

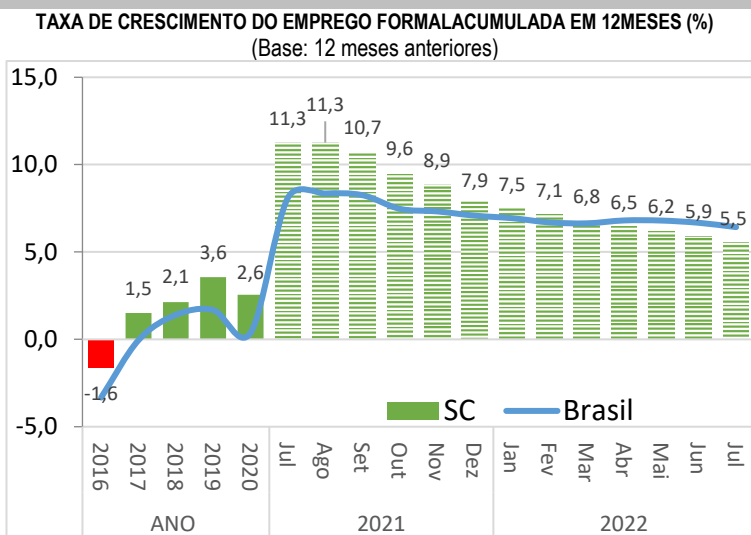
Segundo a Anfavea, a produção de veículos ainda sofre restrições de insumos e logística, mas a crise na oferta de semicondutores foi atenuada. Também a redução do IPI dá fôlego ao segmento e há boas perspectivas de exportações, apesar da crise argentina. Os licenciamentos no mercado nacional cresceram 2% em julho e 7,7% em Santa Catarina. Ainda assim, acumulam uma retração expressiva tanto no ano como em doze meses, tanto no Estado como na média brasileira.

## CIMENTO

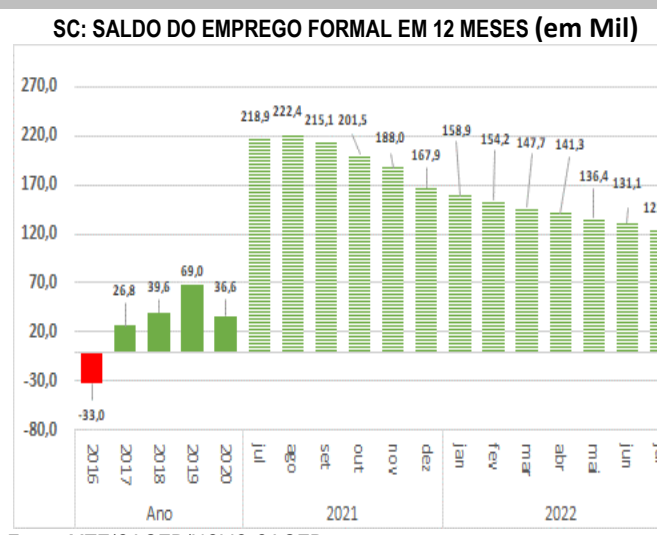
Segundo o SNIC, a indústria do cimento segue enfrentando gargalos associados ao aumento nos preços de insumos e um cenário econômico difícil, com elevação dos juros no âmbito interno e externo e incertezas na economia brasileira. Prevê uma queda nas vendas em 2022.

**EMPREGO: ECONOMIA ESTADUAL SEGUE CONTRATANDO, MAS PERDE FÔLEGO**

**7.8. MERCADO DE TRABALHO**



Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED



Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED

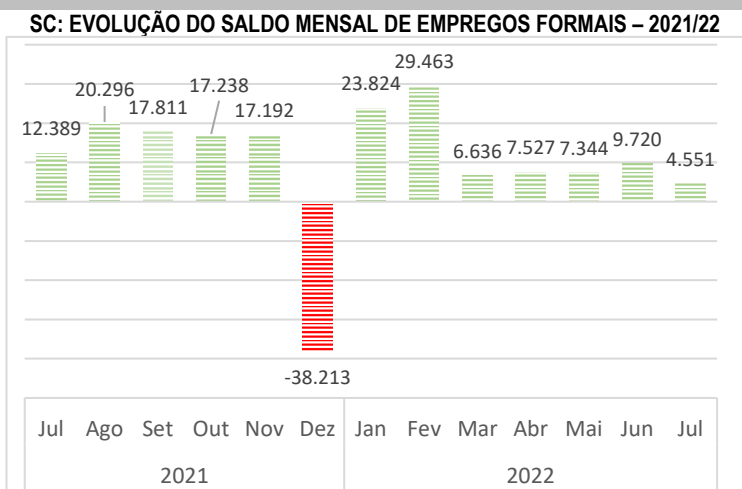
A economia catarinense abriu 4.551 novos postos formais de emprego em julho, o menor saldo do ano e bem abaixo dos 12.398 postos gerados no mesmo mês de 2021. Após um período de contratações recordes em 2021, a geração de novos postos formais de emprego passa agora por uma acomodação.

A construção civil liderou as contratações no mês com 1.452 novos postos. O setor de serviços perde fôlego, mas segue na segunda posição (+1.438), influenciado pelos segmentos de Informação e Comunicação (+1.018 postos) e Transportes e armazenagem (+833). A Administração Pública fechou 549 postos. Já o Comércio, depois da maior abertura de vagas do ano em junho, voltou a contratar em julho e abriu 956 postos, novamente sob influência do varejo.

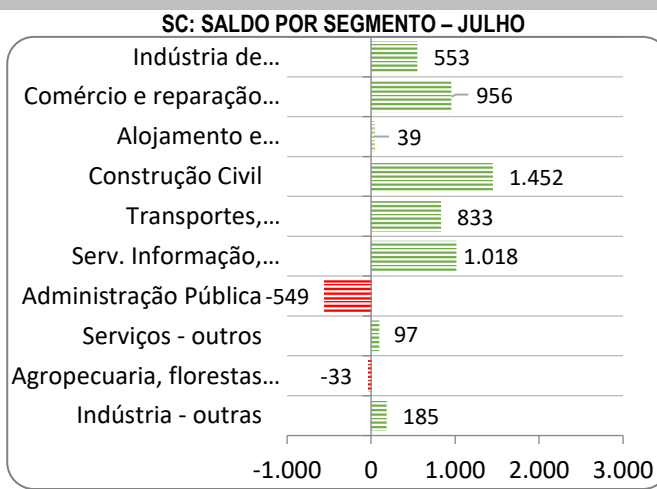
A indústria de transformação abriu 553 postos, após gerar 1.397 empregos em junho. As maiores contratações foram na fabricação de produtos alimentícios (+321), de artigos do vestuário (+311) e na fabricação de máquinas e aparelhos elétricos (+246). As maiores contrações foram na fabricação de produtos de madeira (-436) e na fabricação de móveis (-240).

No acumulado do ano a economia estadual abriu 89.065 empregos formais, o sexto melhor resultado do País, superado por SP, MG, RJ, PR e BA. Foi também o segundo melhor resultado da série histórica, superado apenas pelo mesmo período do ano passado. E em 12 meses, a economia estadual teve o sétimo maior volume de contratações, abrindo 123,4 mil novos postos a uma taxa de crescimento de 5,5%.

De modo geral, os números confirmam a desaceleração das contratações, ainda que se mantenham em patamares recordes e bem acima do período pré-pandemia.

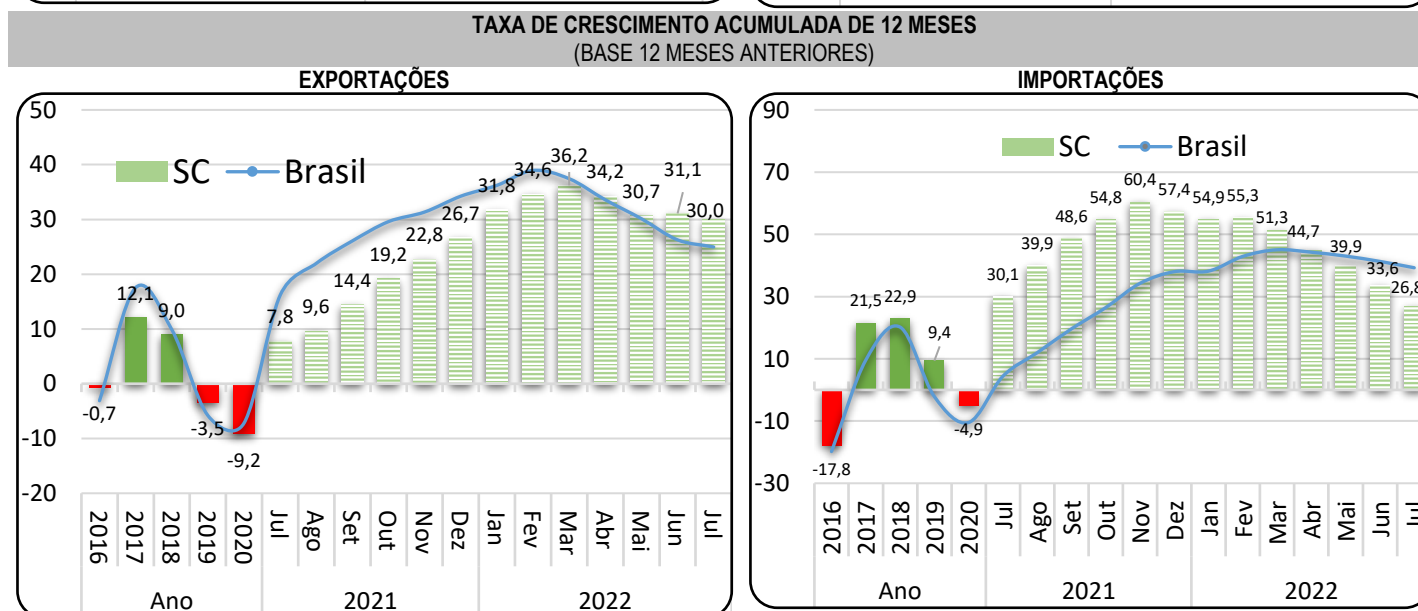
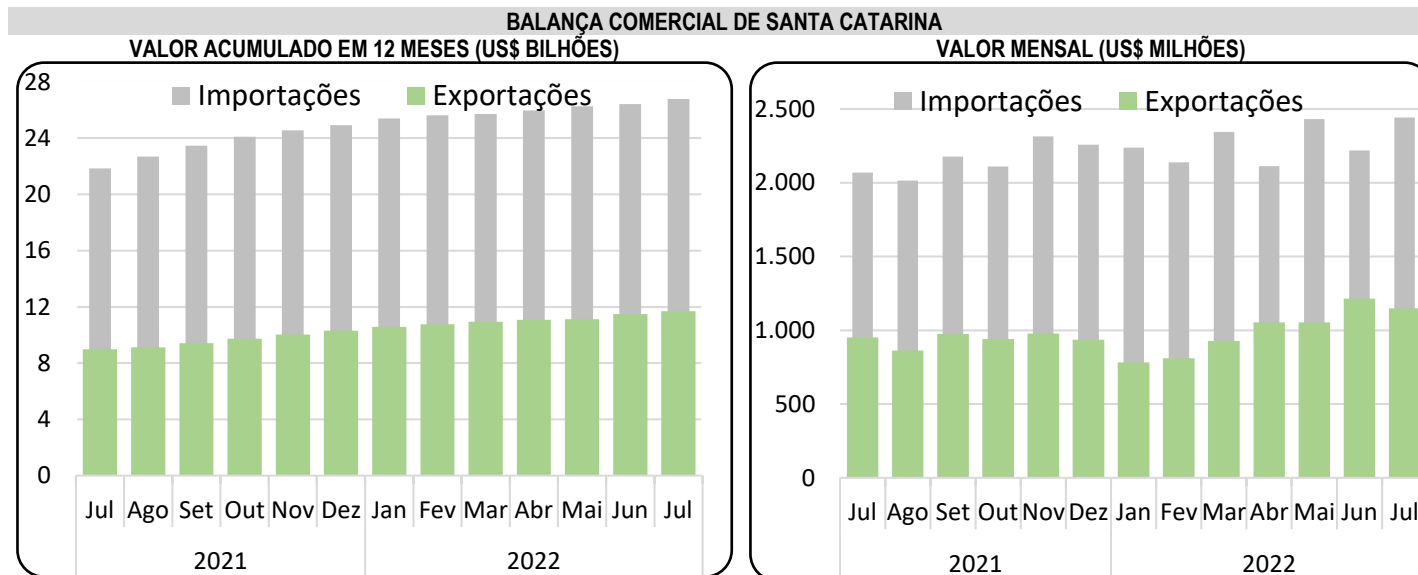


Fonte: MTE/NOVO CAGED



Fonte: MTE/NOVO CAGED

## 7.9. COMÉRCIO EXTERIOR



Fonte: MDIC

(Fonte: MDIC)

## IMPORTAÇÕES RECORDES

Após um primeiro semestre de exportações recordes, o mês de julho teve uma queda de 5,4% no valor das vendas externas de SC, na comparação com junho. As exportações brasileiras tiveram uma queda ainda maior, de 8,8% no mesmo período.

O valor de US\$ 1,149 bilhão das exportações estaduais de julho é 20,7% maior que o do mesmo mês de 2021. No ano acumula alta de 24,8%.

Já as importações de julho via portos estaduais bateram novo recorde ao atingirem US\$ 2,441 bilhões. Tiveram alta de 10% em relação a junho, de 18% frente a julho de 2021 e acumulam alta de 13,4% no ano. As importações brasileiras tiveram alta de 2,6% frente a junho.

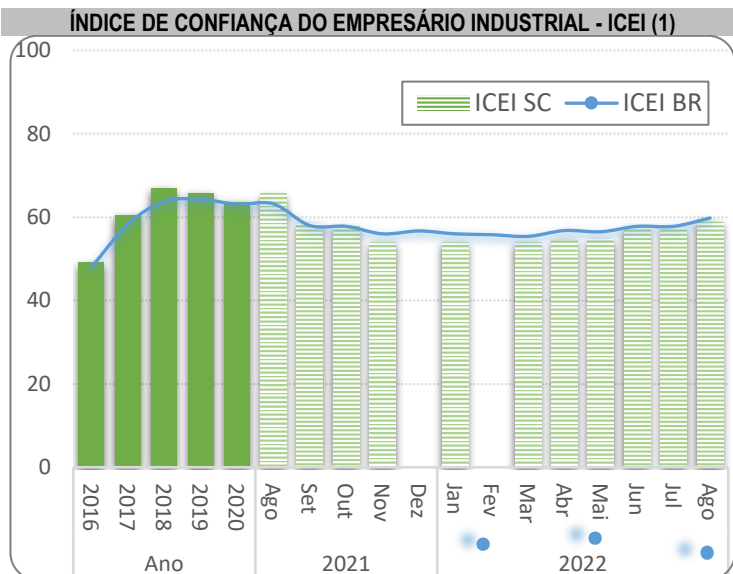
Já em doze meses, observa-se tendência de desaceleração do crescimento, tanto das exportações como das importações.

Segundo a Fiesc, tal desempenho reflete a retomada da corrente de comércio internacional, o aumento dos preços e a maior inserção global das empresas estaduais. Também houve expansão das vendas de produtos de maior valor agregado.

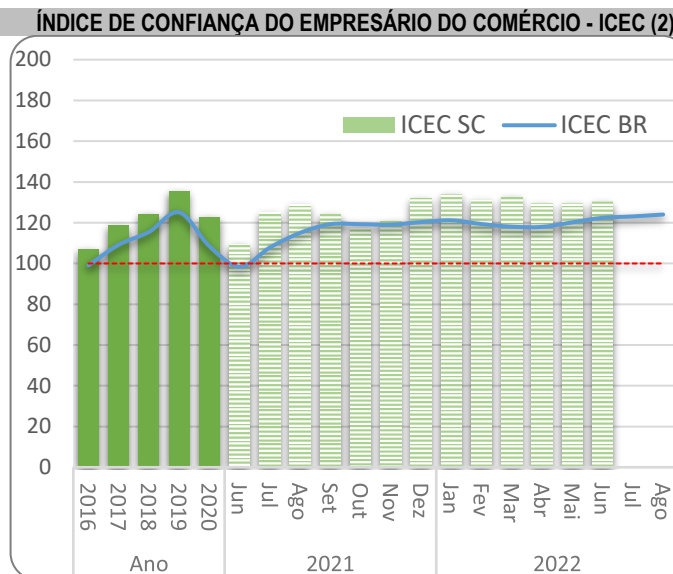
Os principais itens exportados no ano foram os Cortes de Aves (+31% e 13,4% do total), seguido por Carnes Suínas (-11,5% e 10,1% do total) e Soja (-3,6% e 6,2% do total). Ainda entre os dez principais itens, houve expressiva alta nas vendas de papel kraft (+190%) e de motores (+78,6%).

O principal destino no acumulado do ano foi EUA com alta de 25% (18% do total) e China com retração de 14% e 13,9% do total embarcado. Ainda entre os dez maiores destinos, os Emirados Árabes tiveram o maior crescimento (+58,3%), seguido por Argentina (+55%) e Arábia Saudita (+40%).

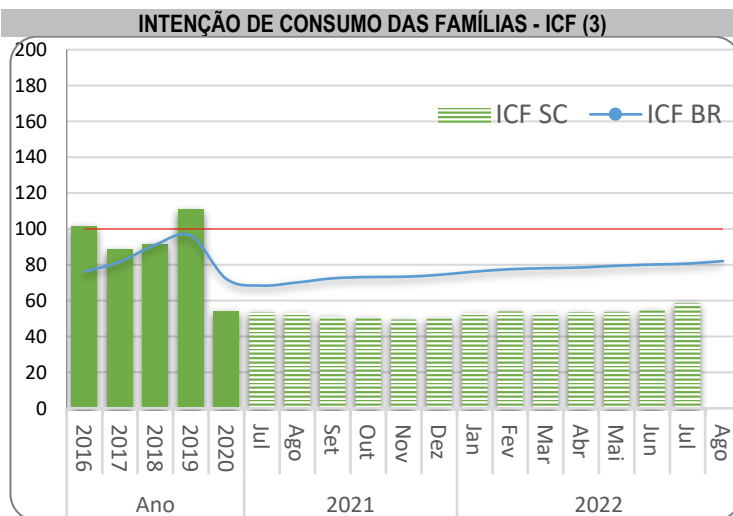
### 7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA



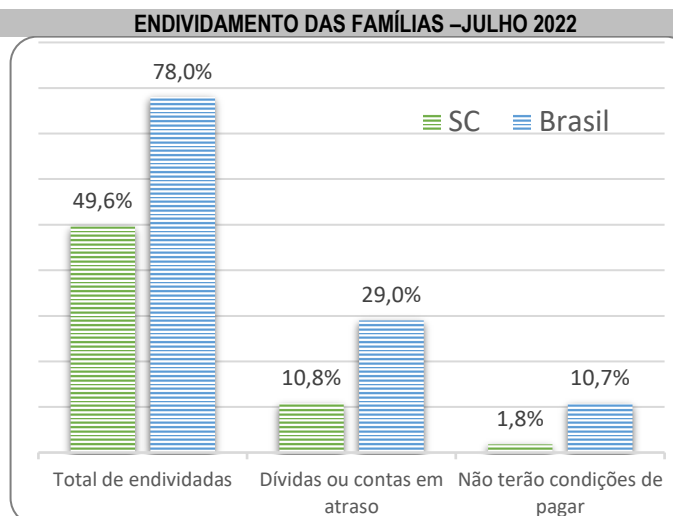
Fonte: FIESC e CNI



Fonte: Fecomércio SC e CNC



Fonte: Fecomércio e CNC



Fonte: Fecomércio e CNC

### INDÚSTRIA: CONFIANÇA EM ALTA

Apesar do fraco desempenho industrial, seja no Estado como na média brasileira, com persistente trajetória de queda da produção nos indicadores anualizados, a confiança do empresário teve alta em agosto, e se manteve em patamar otimista. Segundo a CNI, o otimismo está associado a recuperação da economia e as desonerações em itens que afetam o setor, como energia e combustíveis.

### COMÉRCIO OTIMISTA

O semestre encerrou com a confiança do empresário do comércio em patamar otimista e em alta, ainda que a perspectiva de investimentos e contratações se apresentem negativas. No entanto, em nível nacional, pela primeira vez em quatro meses, o otimismo diminuiu em agosto, atribuído a percepção dos varejistas de uma maior cautela dos consumidores frente a atual conjuntura econômica.

### INTENÇÃO DE CONSUMO

A Intenção de Consumo das Famílias Brasileiras avançou em agosto para 82,1 pontos, o maior nível desde abril de 2020 e manteve tendência de alta iniciada em janeiro passado. A principal influência foi o avanço no indicador Nível de Consumo Atual (principalmente nos grupos de maior renda). Mas o índice ainda sugere pessimismo, já que está abaixo dos 100 pontos, tanto no Estado como no País.

### ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

Com a inflação elevada e o rendimento médio do trabalho em queda, a proporção de catarinenses endividados cresceu pelo oitavo mês consecutivo em julho e atingiu 49,6% das famílias. Mas o percentual dos que não terão mais condições de pagar suas dívidas caiu para 1,8% e é o menor patamar da série. Em nível nacional, o cenário é bem mais desafiador, com o endividamento e as dívidas em atraso renovando recordes.

## EMPREGO: CRESCIMENTO SE DESLOCA PARA O CENTRO NORTE DO PAÍS

Após liderar o crescimento do emprego em boa parte de 2021, o ritmo de geração de novas vagas se desloca para o centro norte do País, enquanto a economia catarinense passa por uma acomodação. Com alta de 5,5% nos últimos doze meses encerrados em julho, SC ocupa a décima quarta posição entre os maiores estados. Na média do Brasil, o emprego formal avançou 6,42% no período.

### INDÚSTRIA: DESEMPENHO ABAIXO DA MÉDIA

A indústria de transformação continua em desaceleração, tanto em SC como no País. Apesar do crescimento de 0,2% de junho no Estado, frente a uma retração de 0,3% da indústria nacional, o crescimento nos últimos doze meses vem perdendo fôlego e a indústria estadual teve desempenho abaixo da média. Entre os 14 estados pesquisados retraiu 3,8% em 12 meses, enquanto a média nacional teve retração de 3%.

### COMÉRCIO: SC É DESTAQUE

O volume de vendas do varejo ampliado está em desaceleração. Fechou 2021 com crescimento de 8,7% e, em junho, na comparação de 12 meses, a alta anualizada estava em 4,8%. Ainda assim, ficou bem acima da média brasileira que retraiu 0,8% no período. Com isso, o comércio estadual segue com o maior crescimento do Sul e o segundo entre os maiores estados. Avançou dois postos para a segunda posição no rank.

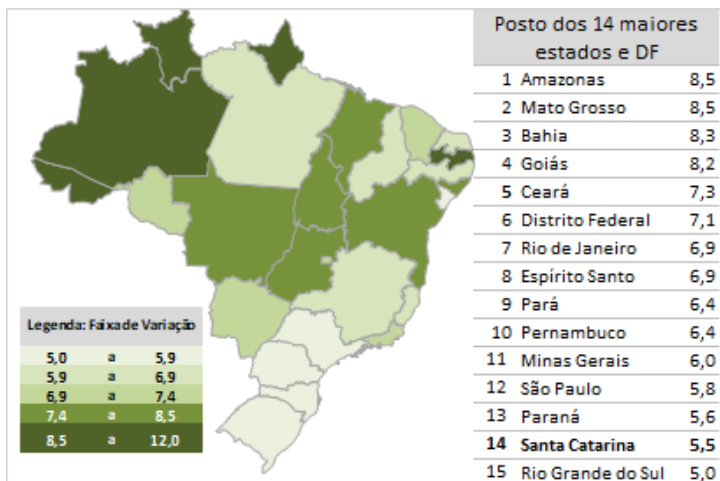
### SERVIÇOS EM DESACELERAÇÃO

O setor de serviços foi o último a se recuperar da crise provocada pela pandemia e agora exibe um crescimento anual robusto, ainda que em acomodação. SC teve uma recuperação do setor anterior aos demais estados e fechou 2021 com o maior crescimento entre os maiores estados, mas em junho passado já se situava no nono posto. Cresceu 8,4% em doze meses, frente a uma média nacional de 10,5%.

## 7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS

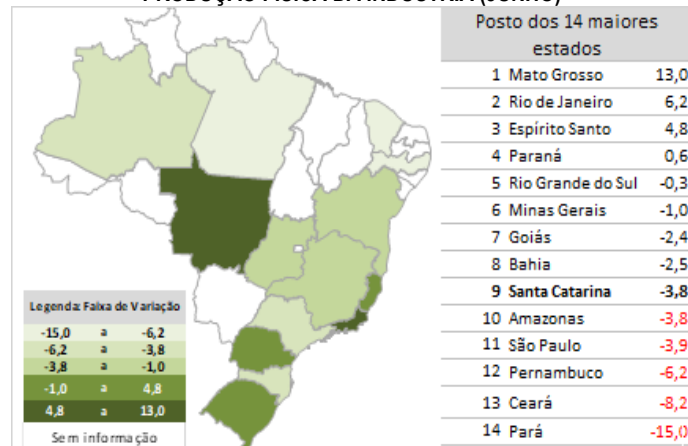
### TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%) (BASE: 12 MESES ANTERIORES)

#### EMPREGO FORMAL (JULHO)



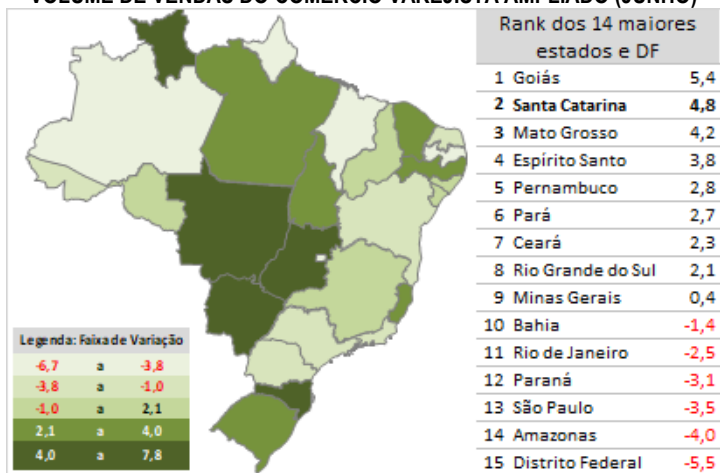
Fonte: NOVO CAGED

#### PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA (JUNHO)



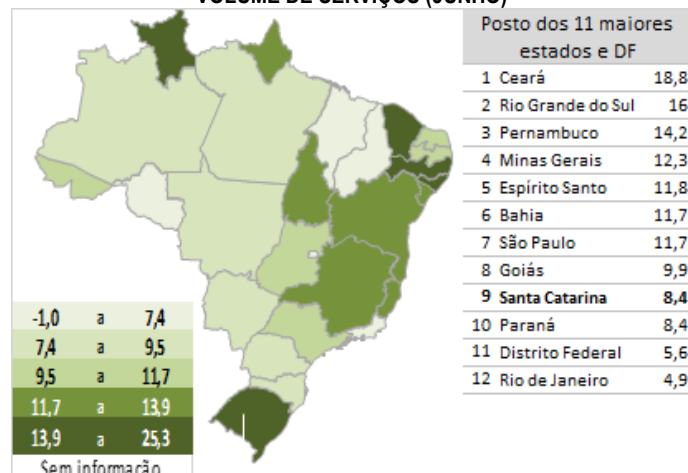
Fonte: IBGE/PIM

#### VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (JUNHO)



Fonte: IBGE/PMC

#### VOLUME DE SERVIÇOS (JUNHO)



Fonte: IBGE/PMS

## INFLAÇÃO DÁ TREGUA

Conforme expectativas, o IPCA de julho registrou deflação. Após a alta de 0,67% em junho, teve queda de 0,68% em julho. Foi a menor taxa desde o início da série iniciada em 1980. O último recuo mensal no IPCA ocorreu em maio de 2020 (-0,38%).

Com o resultado do mês, o IPCA agora acumula no ano alta de 4,77% e, nos últimos 12 meses, de 10,07%. Ainda assim são 11 meses de inflação anual acima dos dois dígitos e em patamar bem acima do teto da meta do Bacen.

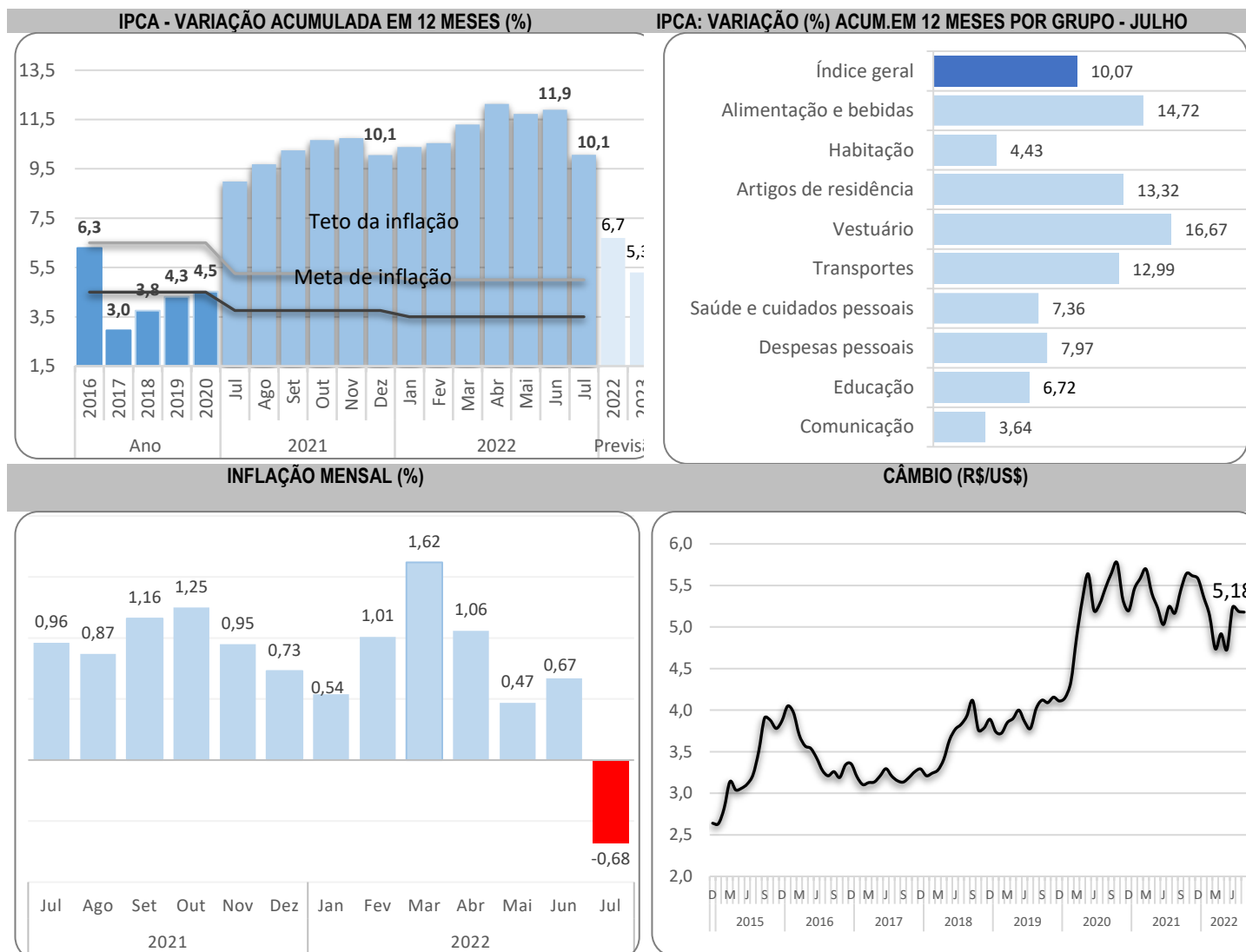
A deflação do mês deveu-se principalmente a queda nos preços do grupo Transportes (-4,51%), mas também nos preços do grupo Habitação (-1,05%). Contribuiu a redução no preço da gasolina que caiu 15,5%, do etanol, 11,4% e do gás veicular, 5,7%. Já o óleo diesel teve alta (+4,59%), inclusive acima do mês anterior (+3,8%). No segundo grupo influenciou a queda da energia elétrica residencial (-5,8%). Nos demais sete grupos pesquisados houve alta, sendo que a maior foi no de Alimentação e Bebidas (+1,30%) que acelerou em relação a junho (+0,80%).

Nos últimos 12 meses, o grupo Vestuário teve a maior alta de preços, seguido por Alimentos e Bebidas, conforme gráfico ao lado.

## CÂMBIO

O Real teve valorização um pouco acima dos 3% no ano até o final de agosto. Fatores como a taxa de juros em patamares elevados, retomada do crescimento econômico, inflação em baixa, entre outros explicam essa valorização.

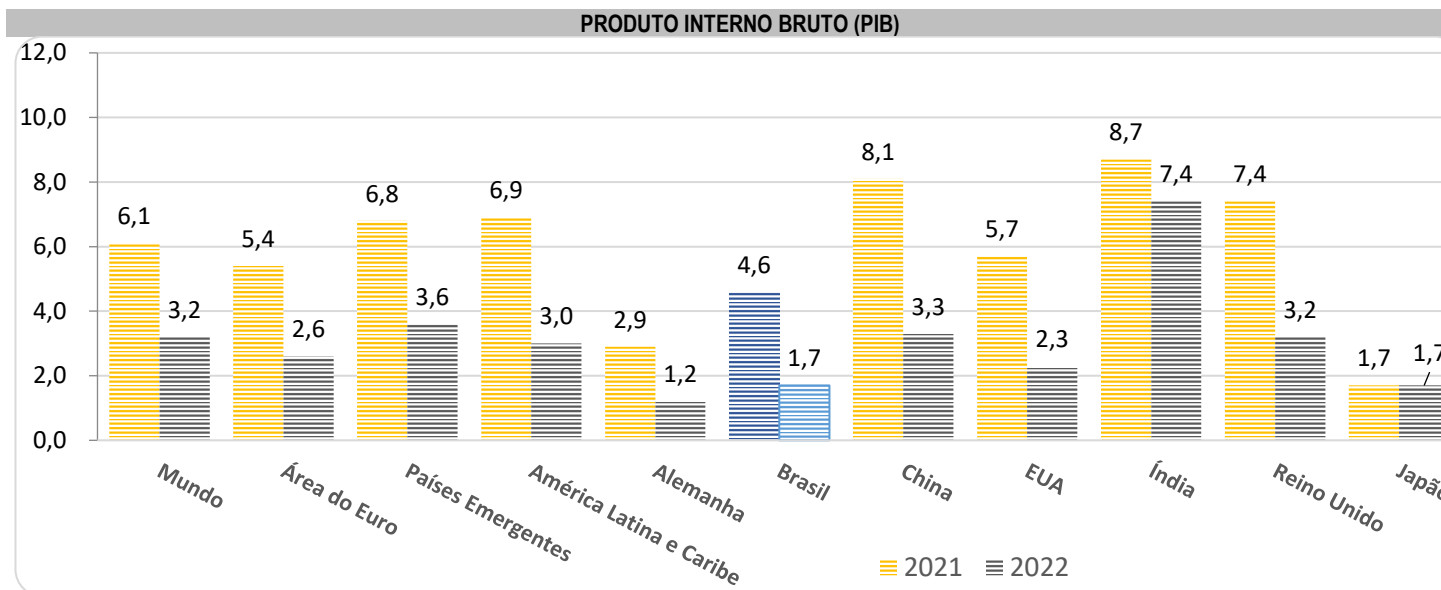
## 8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO



Fonte: IBGE; Bacen/Boletim Focus

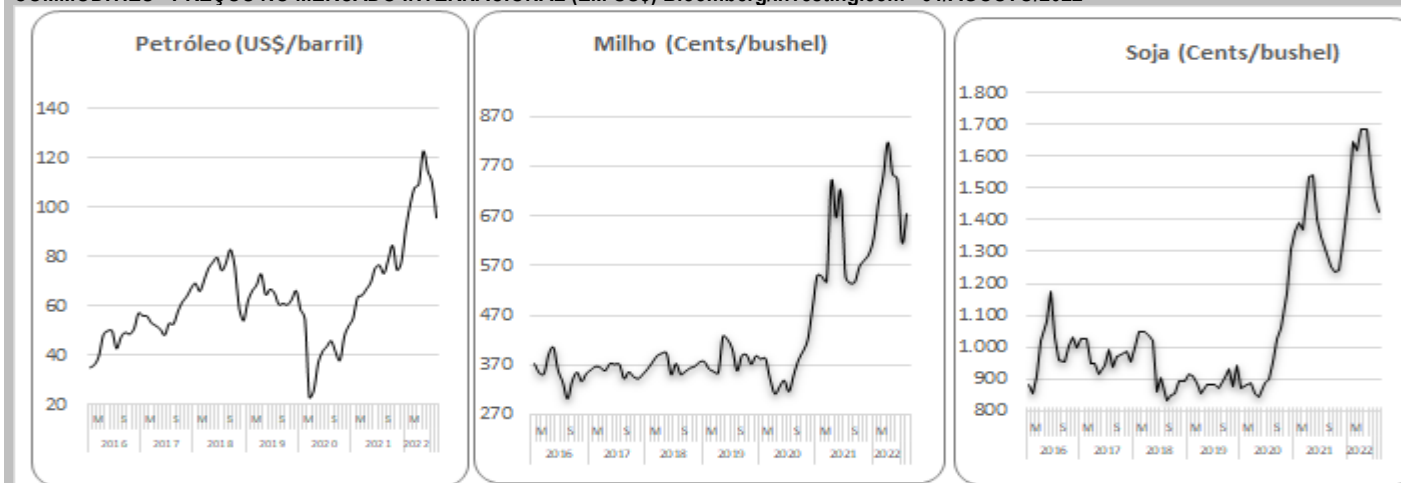
Fonte: Bacen

## 9. ECONOMIA INTERNACIONAL



Fonte: FMI - World Economic Outlook Database (Julho/2022)

### COMMODITIES - PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL (EM US\$) Bloomberg/Investing.com -31/AGOSTO/2022



O FMI, em seu informe das Perspectivas Econômicas Mundiais de Julho, enfatiza o panorama sombrio e incerto que o mundo enfrenta. Com a pandemia ainda em curso e os impactos mundiais da guerra na Ucrânia, destaca a inflação como grande fonte de preocupação, bem como as consequências da desaceleração econômica nos EUA, China e área do euro.

Diante desse cenário, revisou a previsão de crescimento da economia mundial em 2022 para 3,2%, depois de crescer 6,1% em 2021, 0,4 ponto percentual a menos que o previsto em abril. Para 2023, estima agora um crescimento de 2,9%, um recuo de 0,7 ponto percentual.

A inflação mundial foi revisada para cima, principalmente devido ao preço dos alimentos e energia, perspectiva que deve se prolongar, reflexo das pressões de custo ocasionado pela ruptura nas cadeias de suprimentos e pela escassez histórica de mão de obra.

Em meio a esses desafios, o relatório enfatiza a importância da cooperação multilateral, desde a transição climática, o enfrentamento de pandemias, a segurança alimentar até o superendividamento. Destaca que 60% dos países de baixa renda estão superendividados ou em alto risco, frente a 20% há uma década.

Uma recuperação mais robusta, no entanto, foi prevista para a América Latina e Caribe cujo crescimento para 2022 passou de 2,5% para 3%. Para o Brasil, a projeção passou de 0,8% para 1,7% no período.

### COMMODITIES

Após a alta explosiva dos preços internacionais das commodities em função da retomada do crescimento mundial pós pandemia e da guerra na Ucrânia, agora observa-se o inverso. Expectativa de desaceleração do crescimento mundial, entre outros fatores, explicam essa tendência. Em agosto, o preço do petróleo recuou 13% e o da soja, 3%. O milho, ao contrário, subiu 9%.

